

A REVISTA

SUMMARIO

POETICA!	Manuel Bandeira
SAMBINHA.	Mario de Andrade
PYJAMA.	Guilherme de Almeida
BROADWAY	Ronald de Carvalho
MALAZARTE	Martins de Almeida
"VIDA OCIOSA"	Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE	S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO.	Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE	Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
ALEGRIA	Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA.	Antonio Chrispim
CAVACO	Juscelino Barbosa
SABEDORIA	Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM!	Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Casa Ultimo Modelo



DE

Hurtado & Dallariva

Especialidade em calçados finos sob medida

Tem sempre em deposito grande quantidade de calçados para senhoras e creanças.

A casa «Ultimo Modelo» encarrega-se com a mais cuidadosa execução, de remetter para fóra da capital, calçados sob
—::— medida —::—

Rua Caetés, 525

Bello Horizonte

A REVISTA

Andrade

ALFAIATE

Rua da Bahia, 992 — Phone, 1110 — Belo Horizonte

Casa Confiança

E' o armazem de moveis e tapeçarias onde se
abastece a elite da capital

Avenida Affonso Penna, 522 — Telephone. 670

BELO HORIZONTE

Sortimento completo
de calçados, chapéus de
sol e de cabeça, perfu-
marias, gravatas,
collarinhos, camisas, ce-
roulas, artigos para pre-
sentes, tendo sempre
grande stock de chapéus

“A Nacional” DE

Eleuterio Mendes Campos

Telephone, 693 — Avenida Af-
fonso Penna, 1.000

Belo Horizonte

ESTADO DE MINAS

**Loteria do Estado de
Minas Geraes**

500 contos

8 DE SETEMBRO

A unica no Brasil que distribue 80% em premios

Inteiro, 140\$—fracção, 7\$

Casa Giacomo

Alfaiataria D. Pedro II

Rua Rio de Janeiro, 620

Telephone 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete de Setembro)

BELLO HORIZONTE

**Irmãos
Longo**

Casa especial de generos e
— molhados finos —

Rua do Esp. Santo, 511

Telephone. 339

Bello Horizonte

Gosta de bons pratos?

VÁ AO

Restaurant Bohemio

DE

Bernardo & Lucas

Asseio, bons preços,
e presteza

A cosinha desse estabelecimento é a primeira de Minas, no preparo de carne (o beef por excellencia...)

Rua Rio de Janeiro n. 371

A REVISTA

Bebam

As cervejas e o delicioso
guaraná da

**Companhia Cervejaria
Americana**

Unicos depositarios nesta praça:

Senna & Companhia

PHONE IIII

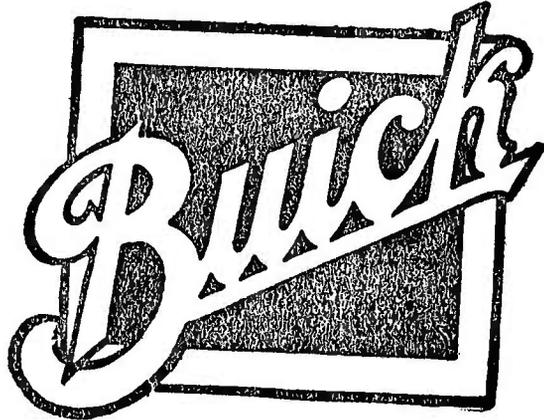
436-Avenida do Commercio-436

Bello Horizonte

A REVISTA

NOVOS MODELOS

PARA



1926

GRANDES MELHORAMENTOS
MAIS FORÇA
MAIS ELEGANCIA
UM PRIMOR !

UNICOS AGENTES AUTORIZADOS

RAMIRO G. SANTOS & CIA.

CASA THEMIS

227 - Rua S. PAULO - 335

Altaiafaria D. Pedro II

Não ha duvidas! Não se discute!

Não ha melhor talho, não ha gente melhor para cortar e fazer um terno do que os contra-mestres e os officiaes dessa importante casa!...

Verifiquem, depois verão!

Rua Rio de Janeiro, 620

PHONE, 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete)

Bello Horizonte

A REVISTA

Loteria do Estado de Minas Geraes

100:000\$000

18 DE JANEIRO CORRENTE

CASA GIACOMO

Sorvetes, bebidas finas, fructas excellentes, etc.

Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)

ALFAIATARIA

→ DE ←

Alfredo Coscarelli

Com grande pratica em Roma e no Rio de Janeiro

Rua S. Paulo, 413

— *BELLO HORIZONTE*

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Prefiram sempre
esta Companhia
PARA SEUS

*Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.*

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SEDE

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

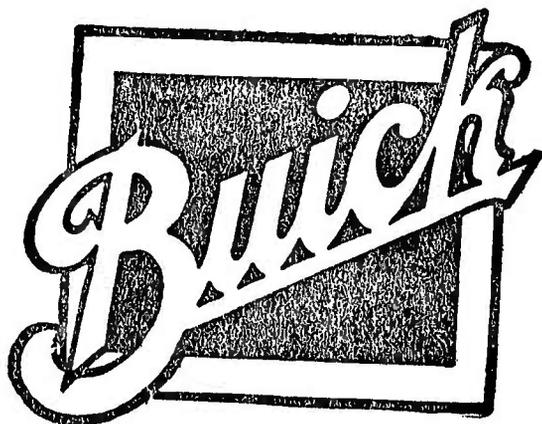
Rua da Bahia, 906

Bello Horizonte

A REVISTA

NOVOS MODELOS

PARA



1926

GRANDES MELHORAMENTOS
MAIS FORÇA
MAIS ELEGANCIA
UM PRIMOR !

UNICOS AGENTES AUTORIZADOS

RAMIRO G. SANTOS & CIA.

GASA THEMIS

227 - Rua S. PAULO - 335

Altaiafaria D. Pedro II

Não ha duvidas! Não se discute!

Não ha melhor talho, não ha gente melhor para cortar e fazer um terno do que os contra-mestres e os officiaes dessa importante casa!...

Verifiquem, depois verão!

Rua Rio de Janeiro, 620

PHONE, 403

(Junto á «Companhia Dias Cardoso» e canto da Praça Sete)

Bello Horizonte

A REVISTA

Calçados finos para senhoras e crianças

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CASA FORTINI

A. Fortini

Av. Aff. Penna, 536 -o- Bello Horizonte

Irmãos Longo

— Casa especial de generos e molhados finos. —

Rua do Esp. Santo, 511 -- Telephone, 339

Bello Horizonte

Casa da Onça

— DE —

Carlos Lupini

Especialidade em calçados sob medida:

Luiz XV, calçados de estylo.

Rua S. Paulo, 387 -- Bello Horizonte

A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

SUMMARIO

POETICA	Manuel Bandeira
SAMBINHA.	Mario de Andrade
PYJAMA.	Guilherme de Almeida
BROADWAY	Ronald de Carvalho
MALAZARTE	Martins de Almeida
“VIDA OCIOSA”.. . . .	Emilio Moura
SOBRE A PSYCHO-ANALYSE	S. Freud
POEZIA E RELIJIÃO.	Carlos Drummond
OS CAPRICHOS DA SORTE	Godofredo Rangel
MOMENTO BRASILEIRO	Magalhães Drummond
ALEGRIA	Pedro Nava
FAZE DE TUA DOR UM POEMA.	Antonio Chrispin
CAVACO	Juscelino Barbosa
SABEDORIA	Abgar Renault
POBRES DOS POBRES QUE AMAM !	Mario Casasanta

OS LIVROS E AS IDÉAS — MARGINALIA

Todos os trabalhos que publicamos são ineditos e es-
peciaes para “A REVISTA”

Poetica

MANUEL BANDEIRA

*Estou farto do lirismo comedido.
Do lirismo bem-comportado.
Do lirismo funcionario publico, com livro de ponto, expediente,
protocolo e manifestações de apreço ao
sr. director.*

*Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionario o
cunho vernáculo de um vocábulo.*

*Todas as palavras,—sobretudo os barbarismos universais.
Todas as construções,—sobretudo as syntaxes de excepção.
Todos os ritmos,—sobretudo os inumeraveis.*

*Estou farto do lirismo namorador.
Politico.
Raquitico.
Sifilitico.
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si
mesmo.*

*De resto não é lirismo.
Será contabilidade, tabela de co-senos, secretario do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes maneiras de agradar às moças, etc.*

*Quero antes o lirismo dos loucos.
O lirismo dos bêbedos.
O lirismo difficil e pungente dos bêbedos!
O lirismo dos clowns de Shakespeare.*

Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Sambinha

MARIO DE AMDRADE

Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras ..
Afobadas braços-dados depressinha
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.
As costureirinhas vão explorando perigos.
Vestido é de seda.
Roupa-branca é de morim.

Falando conversas fiadas
As duas costureirinhas passam por mim.
«Você vai?»

«Não vou não».

Parece que a rua parou pra escuta-las.
Nem os trilhos sapecas
Jogam mais bondes um pro outro.
E o Sol da tardinha de Abril
Espia entre as palpebras sapiroquentas de duas nuvens.
As nuvens são vermelhas.
A tardinha é cor-de-rosa.

Fiquei querendo bem aquellas duas costureirinhas...
Fizeram-me peito batendo
Tão bonitas tão modernas tão brasileiras!
Isto é...
Uma era italo-brasileira.
Outra era africo-brasileira.
Uma era branca.
Outra era preta.

BROADWAY

RONALD DE CARVALHO

Chato, pardo-cinzento, o chão fluctua lento, molle,
o chão escorre vagaroso;
contráe-se em blocos subitos,
estica-se em flechas longas, trepidantes,
dispara, de repente, em riscos elasticos,
gira,
rodopia,
turbilhona e ferve num vapor subtil de linhas e movimentos,

Aquelle chão carrega todas as imaginações do mundo!

Aquelle chão carrega isbas da Ukrania,
vinhas de Bordeus,
parques do Tamisa,
saveiros do Volga,
ambar, coraes, madréporas das Antilhas,
guano de Mollendo,
cannaviaes de Cuba,
juncos de Shangái,
cafezaes de Ribeirão Preto,
chifres do Pampa,
fornos de Essen, fornos de New-Castle,
oleos de Tampico,
salitres de Iquique,
barbatanas da Terra Nova,
mares coalhados de ferros e madeiras,
terras gordas,
ilhas com batuques, tant-tans e redes mollinhosas,

montanhas verdes, montanhas de oxydos e cristaes,
rios onde boiam troncos, plantas, cobras e
tartarugas,
florestas de plumas, pennas e folhagens,
praias, canaes, mangues,
luzes do tropico, luzes do polo,
desertos,
civilizações...

Aquelle chão é uma paisagem em marcha.
Chão que mistura as poeiras do Universo e onde se confundem todos os rythmos do passo humano!

Chão epico, chão lírico, chão idealista,
chão indifferente de Broadway,
largo, chato, pratico e simples, como este roof liso, suspenso no ar, este roof, onde um saxofone derrama um morno torpor de senzala debaixo do sol.

(«Toda a America»)



Malazarte

MARTINS DE ALMEIDA

Na simples maneira por que se olha o ceo está compreendida uma filosofia. E' isto mesmo. De uma concepção metafisica do universo se chega sempre ao modo de ser de uma sensibilidade. A mais instinctiva maneira de sentir contém em germen uma visão abstracta do mundo. Basta olhar o espirito de Graça Aranha para se compreender que filosofar é tambem sentir.

Os principios fundamentaes da sua metafisica vem do prazer sensivel que lhe oferece o decoro exterior da realidade.

Nele, o filosofo existe em função do artista. Foi o sentimento da arte que o levou a fazer da sua filosofia uma estetica do mesmo modo que o sentimento da moral levou o filozofu judeu a fazer da sua uma ética. E está tudo muito bem. As metafisicas diferem porque as sensibilidades se desencontram.

Quasi sempre a absorvente preocupação filosofica leva á simplificação pratica da visão da realidade. A imagem que o mundo põe diante dos olhos se reduz a linhas essenciaes. Neste caso, não vemos propriamente os objectos mas apenas os distinguimos.

Mas é engraçado que Graça Aranha tem a representação a mais colorida e completa das cousas. E', antes de tudo, um creador plastico. Tem um grande poder visual ao lado do poder ideativo.

A contemplação das idéas puras não desfaz no seu espirito a precisão forte das imagens. Para ele as mais palidas abstracções assumem um contorno forte e uma cor viva. Ao mesmo tempo que pensa a substancia colorida, vê a substancia ideal.

*

Malazarte é, sem duvida, um dos livros mais representativos do espirito de Graça. «A philosophia que não se faz arte não será vida», diz numa de suas paginas. Por isso mesmo busca a expressão dramatica para fazer viver o seu pensamento filosofico. E' preciso dizer que guardamos sempre uma certa desconfiança para o teatro de ideas. Afinal, a culpa é de Cúrel e de outros. Quem mandou que elles nos impingissem as suas sem-saborias dramaticas? Vimos por demais os cordões que puxavam de um lado para outro as personagens. Ouvimos um ponto irritante perturbando estupidamente a improvisação original dos actores. Assistimos á acção se desenvolver dentro das linhas secas de uma demonstração logica. Em cada gesto excessivamente esquematico pesava um montão de teorias. Sentimos então necessidade de que a vida saltasse fora dos quadros fixos. Sem exclusão da qualidade intelectual do drama. E' a nova compreensão da relação dramatica desarticulando a mecanica teatral.

Pirandelo, melhor que ninguem, imprimindo uma precisão extraordinaria a essa relação dramatica, desalinha o desenho classico dos caracteres e dissocia personalidades irreductiveis,

Entretanto, o grande poder creador de Graça Aranha desanuvia o nosso espirito.

Malazarte é uma bella surpresa artistica. Na verdade não ahi propriamente acção material ou psicologica mas desenvolvimento exterior de operações da intelligencia. O autor deixa de lado a natureza intima de cada personagem para desdobrar as idéas que ellas representám. Não faz analise. Não procura precisar com uma luz perpendicular as linhas indecisas do claro-escuro psiquico. Não desenvolve a realidade psicologica de uma creatura. O autor de Malazarte procede por grandes sinteses. Cada personagem sua encarna uma idca geral. Tambem pouco se preocupa com a retumbancia perigosa dessas ideas. Não faz de cada gesto uma regra de ordem moral. De cada cena uma demonstração. De cada desfecho uma conclusão. Corporifica as formas de sua visão abstracta do mundo. Compoz a legenda pelo prazer de oferecer uma festa a sua imaginação filosofica. E' raro o pensador que consegue fazer arte de tal maneira. Vejam a terminologia abstracta dos dramas filosoficos de Renan.

Graça Aranha dispoe, realmente, de um grande poder poetico. Só assim poderia animar de uma vida tão colorida generalidades puras. Nele os pensamentos não se reduzem a um simples jogo de paciencia intelectual. Não vive no mundo claro e frio da geometria. Sente a mesma exaltação deante de um belo ceo como diante de uma bela idea. E' um pensador que tem a visão evocativa das cousas. Vive no meio de uma efflorescencia continua de imagens. Por isso mesmo as suas personagens não desenvolvem a sua existencia nas linhas precisas de um teorema. Podemos comprehendel-as como creações de arte pura. Qualquer sensibilidade pode sentil-as inteiramente á parte de seu alto simbolismo. Contemplamos independentemente de qualquer significação intelectual a figura fugidia de Dionisia, o perfil mobil de Malazarte, a fisionomia dolorosa da mãe de Eduardo.

*

Na verdade ha entre a expressão dramatica e a pura concepção intellectual uma grande desproporção. Estamos bem longe da noção do teatro estatico. O drama vive da acção. O problema se impõe naturalmente. E' arriscado exteriorizar operações da intelligencia. No domínio psicologico não ha dificuldades. Um simples gesto pode ser a figura exterior de um caracter. Uma acção traz a fisionomia de um espirito.

Mas se trata em Malazarte de ideas puras expressas na forma dialogada do drama. A vida dramatica se concentra em torno de uma personagem — Eduardo—que forma o campo de acção para o entrechoque daquelas ideas. De facto, como já observou um critico, o feitio essencial do espirito dramatico é a imaginação das crises. As personagens não podem permanecer em puras contemplações nem viver simplesmente o pequeno detalhe da existencia quotidiana. Eduardo, realmente, preso ao vulto doloroso de sua mãe que representa o reflexo do seu ceo moral, atravessa momentos criticos, horas decisivas atraído pelos livres movimentos da inconsciencia tentadora de Malazarte.

Eis ahi:

«Eduardo:

—Rien ne m'arrachera d'ici. Je reste dans la même solitude ou

je puise ma force. J'y vivrai avec mes souvenirs. Mes pensées sont des revenants qui sortent du tombeau où j'ai enseveli à jamais mon inconscience...

Malazarte:

—Tu t'écarteras de la vie e tu mourras d'amertume et de tristesse.

...Et moi je suivrai mon sort, joyeux aujourd'hui, insouciant demain, et devant moi s'effacera tout ce qui doit mourir. Si tu ne viens pas avec moi, si tu ne regagnes pas la l'insouciance, si tu n'unes pas ta nature à la mienne, tu n'auras plus de repos. Les fantômes te tueront.»

*

Dá uma enorme comoção na gente a interpretação de Malazarte. Graça Aranha imprime um caracter universal ao feitio particular dessa nossa personagem tradicional. Constitue uma lição profunda a todos os que têm deixado de lado os elementos originalísimos do nosso folk-lore

Estupendas aquellas tretas de Malazarte, tão nossas conhecidas, adaptadas á legendal Mostram perfeitamente a força imaginativa e a agilidade e o poder de síntese e a originalidade do nosso espirito popular. Dahi, ser Malazarte um tipo de excepção na literatura mundial. E' feito de força e de ousadia. Tem astucia e malicia. Sobretudo, traz a ligeireza divina do dançarino. E é arteiro como elle só! Oferece a melhor solução ao problema da vida. Não foi bater á porta da razão para pedil-a! Não. Os pensamentos projectam uma sombra triste sobre a realidade.

Elle traz a afirmação dionisiaca da existencia. Diz sim a todas as cousas. Não fragmenta o universo. Apresenta as mil faces de sua natureza proteiforme ás infinitas modalidades da vida. Mas não basta ser multiplo, é preciso ser mobil. E Malazarte se diversifica numa infinidade de modos de ser e se multiplica em movimentos innumeraveis. E' o antipoda de Hamleto. Não repete a velha historia... a teia infinita dos raciocinios... as associações de ideas interminaveis... a lentidão immensa de uma resolução... e a distancia entre a resolução e o acto. Em Malazarte a idea é um simples pretexto para a acção. Descobriu o segredo da vida vivendo-a integralmente. Malazarte mente. As suas mentiras são as formas que revestem a verdade intima de sua natureza.

Não retorce o espirito. E' natural. Mente por necessidade organica. A superabundancia de sua seiva vital não se comporta dentro dos quadros estreitos da realidade. Elle exgota todo o possivel da vida. Então, inventa para multiplicai-a. Está longe de pensar em corrigil-a com o sonho ou a fantasia como um romântico melancolico.

Malazarte não podia encontrar melhor interprete do que o «creator do entusiasmo nacional».



“Vida ociosa”

EMILIO MOURA

Não sei de escriptor menos talhado á popularidade que o sr. Godofredo Rangel. Falta-lhe para isso aquella dose de perversidade galante e de ardor romanesco que o nosso publico procura nas suas folgas quotidianas. Terá os cem leitores de que se orgulhava Stendhal. Disso não duvidamos. O seu feitio intellectual está muito longe da vulgaridade. A sua simplicidade apparente é de um cuidadoso requinte: traz nas dobras de seu linho desprentencioso os bordados e as filigranas de um tecelão amoroso. Posue um estylo de mestre, luminoso e polido, que lhe realiza a expressão interior, com uma admiravel justeza e um brilho admiravel. Não têm vôos num arrepio ou num fremito. Mas é nesse equilibrio que vamos encontrar a sua melhor qualidade. Um vôo arbitrario pode trazer uma consequencia funesta. Ninguem se atira impunemente ás orgias da imaginação, e ás libidinagens do estylo. O auctor da «Vida ociosa» sabe disso. Procurá a «expressão», medindo as idéas e tomando o pulso da emoção creadora. Realiza, portanto, com sabedoria. E' um decadente, dirão muitos. Talvez haja verdade nessa affirmativa. «Vida ociosa» é uma obra de decadencia. Uma obra pura, virgiliana, sadia! Mas o paradoxo fica. Eu sempre encontrei nesse pantheismo dos escriptores como o sr. Godofredo Rangel, um symptoma vivo de espirito de decadencia, de um scepticismo que procura fugir a si mesmo, entregando-se ao seu ultimo derivativo.

Só quem regressou de grandes jornadas especulativas, pode provar esse sabor delicioso que ha no fundo de todas as cousas primitivas e puras.

As figuras que andam por esse livro é o pretexto que o sr. Godofredo Rangel arranjou para dizer a si mesmo, que ainda ha bondade por esse mundo, como ha belleza e sabedoria. Mas essa só existe na natureza e naquelles que não se afastaram della pela intelligencia ou pela vaidade. Creou, por assim dizer um mundo á parte; mundo de ingenuidade e belleza, pequeno universo affectivo que elle acaricia numa quasi perversidade.

Eça, escrevendo «As cidades e as Serras» esteve talvez no mesmo caso do sr. Godofredo Rangel. Em ambos a mesma ponta de scepticismo insistente e vencido afinal, por uma necessidade immanente de sentir e de crer, sem o veneno da intelligencia.

Não está isso muito longe de poder ser classificado nalguma forma de decadencia. Essa palavra têm tomado varios sentidos. Mas um fica, e esse pode ser aproveitado nesses dois casos.

A nossa epoca poz termo a esse espirito de decadencia. Mudamos de perspectivas. As cousas já não vivem no mesmo plano, iluminadas pela mesma luz do seculo passado. Somos outros, e até parece que encontramos, de novo, uma outra razão de ser para todas as cousas. Era fatal esse rompimento moderno, a exhibir as reservas inacreditaveis da nossa mentalidade que vão fazendo desse seculo vinte um momento de actividade e de sonho. A arte e a literatura dos nossos dias serão um testemunho desse estado de espirito. Virão cheias dessa nova revoada especulativa. Mas esta, somente quando for verdadeira, quando tiver raizes profundas no sentimento, poderá achar expressão para o seu tumulto emotivo. Do contrario cahirá numa copia falaciosa e num artificialismo vazio. Ora, não ha escriptor mais sincero para comsigo mesmo do que o sr. Godofredo Rangel. Não havendo sentido contactos renovadores continuou a ser o que sempre fôra. E' um escriptor que realiza discretamente, que possui a sua concepção de belleza, numa esthetica que é pessoal e sincera. Ha mesmo uma grave nota de melancolia nessa sua retirada da scena: fez-se um espectador curioso. «Para que mais?» Essa devia ser a pergunta que elle faria a si mesmo, se por acaso pensasse em justificar-se. Nós, de certo desejaríamos mais. Mas essa distancia entre dois pontos de vista, entre duas philosophias, porque, afinal, toda maneira de perspectiva pode ser entendida por uma philosophia, nada destróe da belleza dessa obra. Olhamos a figura desse escriptor sem pretender enquadrá-la numa epoca ou numa escola. Porque, se o pensamento têm de obedecer ao capricho vertiginoso do tempo, ás mil e uma voltas da sabedoria das horas, a belleza ficará autonoma e desembaraçada.

*

Toda a obra do sr. Godofredo Rangel é uma maravilha de observação, é uma pagina viva onde não sentimos um arrepio de pensamento martyrizado, numa ansia especulativa; mas por onde a vida se desenrola, num objectivismo tranquillo. A maior volupia de um escriptor é entregar-se ao leitor, viver com elle, dando, a cada momento, a sensação de que lhe está revelando a verdadeira essencia de sua alma. Isso justifica mesmo a necessidade de expressão, a tortura daquelles que sentem o imperativo das emoções, a quererem forma e transbordamento. Mas esse escriptor, ao contrario, não se entrega, nem ao menos expõe a sua philosophia, em doses pequenas e equilibradas, como é tão do gosto dos romancistas de todos os tempos. Fica de fóra, a querer

que a sua arte seja um espectáculo amavel, de cuja contemplação nos venha uma serena felicidade. E' daquelles que applicam uma contemplação puramente objectiva aos objectos mais insignificantes, e que, até numa scena de «interior» deixam o monumento imperecível de seu objectivismo e de sua serenidade intellectual. Assim, as principaes personagens do livro do sr Rangel não são o proprio escriptor, em desdobramentos reconheciveis. E' o universo, são as perspectivas ambientes, no seu rythmo puro. Recebe as impressões directamente, sem dar tempo a que ellas soffram uma acção intima e mysteriosa. Os seus gyros espirituaes não são uma viagem do espirito para o espirito, como nos dilettantes anatolianos, mas um linha serena do espirito para as cousas. Não deseja explicar o universo, nem o mechanismo de suas proprias emoções. Sente e pensa, sem que esses pensamentos e sentimentos tragam em si algum anseio de finalidade, alguma inquietude que se martyrisasse a si mesma. E' unico nessa maneira. «Vida ociosa» é uma focalisação cheia de movimento de ambientes e caractéres. Ha ahi uma identificação absoluta entre creador e criação, a ponto daquelle desaparecer e de termos a impressão de assistir a uma realidade que fosse «nossa», que existisse por um auto-milagre. Natural no caso do sr. Godofredo Rangel. Como dissemos, é elle um temperamento discreto que não ama entregar-se nas suas paginas literarias.

Ora, com todas essas qualidades, o sr. Godofredo Rangel, mais que nenhum outro, está talhado a realizar uma obra representativa. E' o que vae fazendo. «Vida ociosa» e «Andorinhas» são duas paginas vivas da nossa literatura. A primeira dessas é uma obra-prima. Não acredito, comtudo, que ficará sendo a sua obra-prima. Essa virá ainda, para maior riqueza do nosso patrimonio intellectual.



Sobre a psycho-analyse

Sigismundo FREUD

(Traducção do original pelo Dr. Iago Pimentel.

Minhas senhoras e senhores! Para mim é uma nova e estranha sensação, apparecer, como expositor, no Novo Mundo, deante de „pessoas avidas de saber. Sei que devo esta honra á ligação de meu nome ao thema da psycho-analyse; desta, por isso, tenciono fallar-vos. O mais succin‘amente possível, procurarei dar-vos um resumo sobre a historia da origem e do ulterior desenvolvimento deste novo methodo de investigação e de tratamento.

Se ha merito em haver trazido á luz a psycho analyse, não é esse um merito meu. Não tomei parte em sua origem.

Era estudante e achava-me occupado com o preparo das minhas ultimas provas, quando um outro medico viennense, o dr. Josef Buner, utilizou aquelle methodo em uma joven hysterica (1880—1882). Da historia dessa doente e de seu tratamento é que nos haveremos de occupar primeiramente; encontra-a-eis. minuciosamente exposta, nos «Studien über Hysterie» (Estudos sobre a hysteria), mais tarde publicados por mim e por Brener.

Antes de tudo, porém, uma observação ainda. Não sem contentamento, soube que a maioria dos meus ouvintes não pertence á classe medica. Não deveis pensar, com effeito, que seja necessaria uma educação medica especial, para acompanhar minhas exposições. Um certo trecho, andaremos com os medicos, mas, em breve, nos separaremos e o dr. Breuer trilhará um caminho todo seu.

A paciente do dr. Brener, moça de 21 annos, possuidora de elevados dotes intellectuaes, desenvolveu, no curso de sua doença, que se estendia por um espaço de 2 annos, uma serie de perturbações somaticas e psychicas, que bem mereceram ser tomadas a serio. Tinha uma paralytia espastica de ambas as extremidades direitas, com insensibilidade das mesmas e ás vezes, a mesma affecção nos membros do lado esquerdo; apresentava perturbações dos movimentos dos globos oculares, varias alterações da visão, difficuldade em levantar a cabeça, fosse nervosa intensa, repugnancia de alimentos e, uma vez, por varias semanas, impossibilidade de beber qualquer liquido, apesar de uma sêde cruciante; apresentava ainda diminuição da faculdade de exprimir-se, que chegou até a perda da capacidade de fallar e entender a lingua materna, e, finalmente, estados de ausencia, confusão, delirios, alterações de toda a sua personalidade. para os quaes teremos, mais tarde, de voltar nossa attenção.

Se, não sendo medicos, ouvirdes fallar de um tal quadro morbido, tendereis a admittir que se trata de uma grave molestia, provavelmente do cerebro, que pouca esperança offerece de restabelecimento e que, em breve, deverá conduzir o doente á morte. Deixae, entretanto, que

vos instrua o medico: para uma serie de casos com phenomenos tão graves, justifica-se uma concepção toda outra e muito mais favoravel. Se um tal quadro apparece em uma joven, cujos órgãos vitaes internos (coração, rins) se mostram normaes ao exame objectivo, se essa joven soffreu violentos abalos emotivos e se os symptomas insulados se apartam, em certos caracteres mais finos, daquillo que é esperado, não têm então os medicos um tal caso por grave. Sustentam que se não trata de uma lesão organica do cerebro, mas d'aquelle estado enigmático, chamado «hysteria» desde os tempos da medicina grega, que pode imitar todo um sem numero de graves quadros pathologicos; não julgam então a vida em nada compromettida e, mesmo, tem como provavel. um completo restabelecimento da saude. A distincção entre a hysteria e uma grave lesão organica, nem sempre é muito facil. Não precisamos, porem, saber como se faz uma differenciação diagnostica desta especie; basta assegurar-vos que justamente o caso da paciente de Brener era um daquelles em que nenhum medico experimentado deixaria de fazer o diagnostico de hysteria. Podemos ainda, aqui, acrescentar que a doença da paciente surgiu quando ella cuidava do pae, ternamente amado, em uma grave enfermidade que o levou á morte; e que ella, em consequencia disso, teve que se afastar d'aquelles desvelos.

Até aqui, houve vantagem em andarmos com os medicos; agora, nos devemos separar. Não vades esperar que a perspectiva de um doente sob assistencia medica haja essencialmente melhorado, porque lhe foi feito o diagnostico de hysteria, em vez do de uma grave affecção cerebral organica. Na maioria dos casos, a arte medica é impotente deante das graves molestias cerebraes, mas tambem, deante da hysteria, nada pode o medico fazer. Tem de abandonal-a á natnreza bondosa, deixando ao arbitrio desta a realização de seu esperançoso prognostico. (Sei que esta affirmacão hoje não é exacta, mas, na exposiçãõ, reporto-me, com os meus ouvintes, aos tempos anteriores a 1880. Se, desde então, o problema tomou outro aspecto, nisso justamente tiveram grande parte os trabalhos cuja historia estou esboçando).

Com o facto de ser reconhecida a hysteria, pouca cousa ficou, assim, alterada para o doente; muito menos para o medico. Este, deante do hysterico, colloca-se em posiçãõ differente d'aquella em que se posta deante do doente organico. Não offerecerá ao primeiro o mesmo interesse que ao segundo, pois o soffrimento daquelle é muito menos serio que o deste e, todavia, parece reivindicar o direito de egualdade. Mas, para com elle, age ainda o medico de outro modo. Havendo, por seus estudos, aprendido tanta cousa que é omittida ao leigo, pude formar das causas das doenças e das alterações morbidas—por exemplo, no cerebro de um doente de apoplexia ou de neoformaçãõ—idéas que, até certo grão, devem ser exactas, pois lhe permitem a intelligencia das particularidades do quadro. Deante das minucias dos phenomenos hystericos, porém, toda sua sciencia, o abandona, assim como sua erudição em pathologia e em anatomo-physiologia. Não pode comprehender a hysteria; fica deante della, como um proprio leigo. E não é isso razoavel a quem aliás faz tão grande cabedal do seu saber. Os hystericos perderam assim sua sympathia e o medico os considera como os orthodoxos consideram aos herejes, considera-os como pessoas que ul-

trapassam as leis de sua sciencia; imputa-lhes toda a maldade possivel, culpa-os de exagero e de simulação intencional e castiga-os, retirando-lhes seu interesse.

O dr. Brener, para com a sua cliente, não foi passivel desta censura; embora, a principio, não contasse prestar-lhe qualquer auxilio, dispensou-lhe sympathia e interesse. Evidentemente, ella o esclareceu com os elevados dotes de intelligencia e de character, dos quaes Brener dá testemunho na historia, que compilou, da doente. Sua observação benevolente, por outro lado, encontrou o caminho, que tornou possivel o auxilio medico.

Notou-se que a doente, em seus estados de ausencia e de alteração psychica, com confusão, costumava murmurar, consigo mesma, algumas palavras, que davam a impressão de se originarem de um conjuncto que lhe occupava o pensamento. Inteirado d'aquellas palavras, mergulhava-a então o medico em uma especie de hypnose e lh'as repetia, induzindo-a a estabelecer um nexo entre as mesmas. Com o seu consentimento, reproduziu, assim, a doente, as creações psychicas que a dominavam durante as ausencias e se deixam trahir por aquellas palavras insuladamente exteriorisadas. Eram phantasias profundamente tristes, muitas vezes lindamente poeticas—«sonhos diurnos» diriamos nós—que, habitualmente, tinham, como ponto de partida, a situação de uma joven junto ao leito do pae enfermo. E, depois de referir um certo numero de taes phantasias, ficava como que livre e reconduzida á vida psychica normal. O bem estar, que se mantinha por varias horas, cedia então logar, no dia immediato, a uma nova ausencia, que era reinovida do mesmo modo, mediante a expressão das phantasias recém-formadas. Não havia como fugir á impressão de que a perturbação psychica, que se manifestava nas ausencias, era uma consequencia da incitação partida d'aquellas formações phantasistas, altamente affectivas. A propria paciente, que, nesta phase da doença, apenas entendia e fallava de um modo singular o inglez, dava a este novo tratamento o nome de «talking cure» ou designava-o, gracejando, «chimney sweeping».

Verificou-se logo, como por acaso, que, com tal limpeza da alma, podia-se alcançar mais do que a passageira remoção das perturbações psychicas, sempre reinccidentes. Symptomas somnaticos tambem desapareciam quando, em estado de hypnose, sob exteriorização effectiva, era recordado por que motivo e por meio de que ligação aquelles symptomas haviam surgido pela primeira vez. «Era no verão, tempo de calor intenso, e a paciente soffria de uma sêde ardente: pois sem motivo apparente, sibitamente selhe tornara impossivel o beber. Tomava o appetecido copo d'agua na mão, mas, logo que lhe tocava os labios, repellia-o, como uma hydrophoba. E assim ficava, por alguns segundos em uma evidente ausencia. Para abandonar a sede, vivia apenas de fructos, melões, etc. Depois que esse estado durara, mais ou menos, seis semanas, uma vez, em estado de hypnose, raciocinou sobre uma ingleza, sua dama de companhia, de quem não gostava, e contou então, com todas as mostras de repugnancia. como, entrando no quarto d'aquella, ali vira o seu cãosinho, um nojento animal, bebendo em um copo. Por delicadeza, nada havia dito. Depois de haver exprimido, ainda energeticamente, reprimido enfado pediu para beber; bebeu sem inpedi-

mento uma grande quantidade de agua e despertou da hypnose com o copo nos labios. Com isso desapareceu-lhe para sempre a pertnrbação. (Studien über Hysterie, pag. 26).

Permitti que vos detenha um momento sobre esta experiencia. Ninguém ainda havia removido um symptoma hystérico por tal meio, nem tão prorundamente penetrara a intelligencia de sua causa. Seria uma descoberta cheia de consequencias, se a expectativa se pudesse confirmar, de que ainda outros, talvez a maioria dos symptomas que apresentava a doente, de tal modo se haviam originado e de tal modo eram removíveis. Para se convencer disso, não se atemorizou Brener deante do trabalho e, methodicamente, pesquisou então a pathogenese dos outros e mais graves symptomas. Assim era realmente; quasi todos se haviam originado como restos, como residuos, se quizerdes, de impressões affectivas, que, por isso, chamamos mais tarde, «traumas psychicos» e sua singularidade se explicava pela relação com as scenas dramaticas que os haviam causado. Eram, na accepção technica do termo, «determinados» pelas scenas cujas memorias residuaes elles representavam e não havia mais mister de descrevel-os como producções solimitarias ou enigmaticas de neurose.

Um desvio apenas do que se esperava seja mencionado. Nem sempre o symptoma era o resultado de uma impressão unica, mas, na maioria das vezes, para este effeito, reuniram-se numerosos, frequentemente muito semelhantes e repetidos traumas. Toda aquella cadeia de recordações pathogenicas devia então ser reproduzida em serie chronologica e, em verdade, invertidamente: os ultimos em primeiro lugar e os primeiros em ultimo lugar e era inteiramente impossivel chegar ao primeiro trauma, frequentemente o mais activo, saltando pelo que se lhe seguia.

(Continúa no proximo numero)

Poezia e relijião

CARLOS DRUMMOND

O espirito relijiozo vai readquirindo os seus direitos no campo da poezia. Esta afirmação talvez provoque protestos, mas estou certo que tambem encontrará apoiados (Muito bem! Muito bem!). Não é difícil provála. Provo. Não tenho sôbre o assunto nenhum ponto de vista sectario. Isto é o essencial. Constato apenas. Confesso que a relijião não faz parte de minhas preocupações abituais. Ainda não cheguei á idade de crer pela segunda e última vez, isto é, definitivamente. Os moços não têm tempo de ser relijiozos; poderão sentir no maximo presentimentos relijiozos. Sua missão natural é destruir os mitos da infancia, para reconstruilos mais tarde, na idade madura. Na idade madura o homem regressa á relijião. Não tem outra coiza a fazer. Faz bem. E' um crente deziludido, mas é um bom crente. Falo dos espiritos indagadores. Os outros nunca duvidaram... E sem a duvida não póde haver convicção generosa. A duvida é a semente de tudo. A negação, esta eu não compreendo. Mas como dizia...

Como dizia, encontro na poezia moderna a influencia frizante da relijião. Entendamo-nos. Absolutamente não foi minha intenção afirmar que os poetas modernos são uns carolas ou uns savanarolas. Indiquei uma influencia. Esta influencia eziste, verifica-se, mas não domina esclusivamente. Poderia acrecentar que ela é um produto dos dias feios da guerra que o mundo inteiro vivez, porém acho isso mais discutivel. A guerra não foi um fenômeno a parte, gerador de outros fenômenos igualmente positivos e catalogáveis. Foi uma consequencia, como consequencia tem sido tudo que depois vem sucedendo. Só uma longa e intensa fermentação espiritual poderia dar em resultado a dolorosa tolice dos ezercitos que se entréespatifaram e dos povos que brigaram por um ideal muito bonito mas que afinal de contas... pilherias! Tudo isso vem de longe e é bem possivel que a guerra não tenha acabado. Mudou de plano ou de cenarios. São impreziveis os destinos do mundo dito civilizado, num raio de 100 anos apenas. Prefiro silenciar sôbre este ponto e lenbrar somente que a revivecencia do espirito relijiozo, nao nas massas porém nas elites, tem sua orijem em fatores complexos que muito antes da guerra já se faziam sentir e que se resumem todos numa pavorosa dezorganização dos valores morais e intellectuais. Irra que ninguem mais se entendia! Paulo Valery em seu saborozo «Varieté» procura descrever o que era a Europa de 1914: «Cada cerebro duma certa classe era uma encruzilhada para todas as especes de opinião; cada pensador, uma espozição universal de pensamentos. Havia obras do espirito cuja riqueza em contrastes e inpulsois contraditorias fazia pensar na iluminação dezesperada das capitais naquele tempo; os olhos pegavam fôgo e aborreciam-se...» Tudo isto somado multiplicado levado ao infinito provocou reacção fulminante que se esboçou com a guerra e irá Deus é quem sabe onde. Deixêmolá ir e fixemos o papel do espirito relijiozo na poezia moderna.

No Brazil ha evidentemente um equívoco a respeito da natureza das relações entre estas duas palavras: poesia e religião. Lá ha pouco um artigo do estimável sr. Jackson de Figueiredo (um bom espirito; um espirito com quem se póde contar) e pude ver até onde leva esse equívoco. Leva ao ponto de confundirmos poetas religiosos com religiosos poetas; os primeiros são raros; os segundos proliferam e dão mostra quazi sempre de estreiteza de vistas, cantando por estenso a obra da criação, com louvores particulares a cada «florinha mimoza» e a cada «colibri adejante» e esquecendo... a mulher. Lamentável esquecimento! Mas isso é lá com eles. O fato é que não tivemos até agora nenhum poeta religioso.

--E Alphonsus de Guimaraens?

Alphonsus de Guimaraens foi admiravel poeta lirico, de inspiração melancolica e mesmo funebre; escreveu «Kiriale», «Dona Mystica», «Septenario», mas não se póde dizer que o dominasse nenhuma das grandes preocupações de caráter religioso que tornam inconfundivel a produção dum Paulo Claudel, por ezenplo. Em que passo de sua obra o poeta se propõe como tema a finalidade do homem ou os grandes trabalhos espirituais ezi-jidos para sua purificação ou o sentido místico das coizas ou qualquer outra questão da mesma ordem? O que o seduzia na religião ou melhor no catolicismo era a liturgia a pompa do cerimonial o aparelhamento suntuoso com que a Igreja cativa até os mais libertinos, convidando-os á maior das volupias, que é a da libertinagem estética. Cunpre notar ainda que ele se alistou numa escola onde Verlaine dava o tom cantando «O mon Dieu, vous m'avez blessé d'amour» e que assim, conpondo louvores á Virjem, obedecia muito menos ao temperamento que á moda. Não vou ao extremo de negar a religiosidade de Alphonsus. Mas era a de todos nós que recebemos infalivelmente a educação cristã. Tenho meditado sobre sua obra. E cada vez me convenço mais que Alphonsus foi um grande lirico vindo antes do tempo. Não achou a sua expressão. Déssemle o material de que dispõ o poeta moderno, dotado de recursos criticos inconparaveis, terrivelmente bem informado sobre a menor de suas impulsões e ao mesmo tempo respeitando o elã primitivo dessas impulsões e... os senhores veriam.

*

Conversemos. O responsavel por toda a poesia moderna em Fran-ça e nos paizes que le sofrem a influencia é o malogrado sr. João Nicolau-Arthur Rimbaud. Deste jovem se dizem coizas admirabilíssimas, incluzive a de que foi a intelligencia mais diablicamente livre que já penetrou na poesia franceza. Tenho muito medo de medalhões, credol Mas impossivel negar. Cocteau irônico fala no «pecado orijinal de Adão -Rimbaud e Eva-Mallarmé». Como todo pecado, principalmente o ori-jinal, fecundissimo. Rimbaud projetou-se violentamente em nossos dias. Sua garra aparece em tudo. Mario de Androde: «Não imitamos Rimbaud Nós dezenvolvemos Rimbaud. ESTUDAMOS A LIÇÃO RIMBAUD». Esta advertencia é util.

(*Continúa no fim da revista*)

Os caprichos da sorte

GODOFREDO RANGEL

- Meu mal—monologava o coronel Marcilio, trotando em sua besta, rumo do sitio das Codornas—foi a minha imprevidencia. Unica e exclusivamente. Não culpo o Aurelio, meu socio. Eu era de natural confiante e simples e elle ganancioso e astuto. E seus defeitos não me eram encobertos. Não fez mais do que obedecer a seu pendor irresistivel. Todos avisavam-me: «Cuidado com o Aurelio, que um dia te dará um tombo.» E eu, por um mixto de fatalismo e de indolencia, ou melhor, por indolencia apenas, que é ella que nos põe fatalistas, deixava que as cousas continuassem a correr por si. Previ este desfecho, mas nada fiz para evitalo—o que é tambem um modo de ser imprevidente. Era logico que entre dois temperamentos como os nossos se estabelecesse como um systema de syphão... O ramo maior era meu socio. Houve para este um escoamento de fortuna... E o tombo agourado veio. Escarrapachei-me. Estou pobre. E indirectamente minha ruina enriqueceu o Aurelio.

O coronel Marcilio fez um gesto de melancolica resignação, como se estivesse a explicar-se com um interlocutor invisivel. E a besta trotava, monotonamente, pela estrada do sitio.

E o curioso, continuou o cavalleiro em seu soliloquio, é o estado de espirito em que os acontecimentos me puzeram. Incapaz de cogitar em uma resolução salvadora. Para meu caso não ha, provavelmente, resoluções salvadoras. E isto traz-me uma sensação de quebranto de animo, de debilidade sentimental, incutindo-me como uma piedade vaga por tudo e por todos—pelo desagazalho em que vão dormir estas avesinhas que cruzam o céo, pelas folhas de bananeiras retalhadas pelo granizo; sinto a cada passo desejo de apear-me do animal para salvar, numa poça d'agua, um insecto agonizante, ou erguer as folhas machucadas de um pé de grama pisado pela pata de um cavallo... e um desejo commovido de abraçarme a tudo que vejo, consolando os troncos de serem velhos, as flores de serem cphemeras... E esse meu desejo de consolar é de certo, tambem, necessidade de consolação. Tolice! Fraqueza sentimental!

Era ainda a mesma «fraqueza», como lhe chamava, que o levava ao sitio do Severo, talvez seu unico amigo verdadeiro. Os outros abandonaram-no, após a derrocada.

—Muito razoavel tambem essa esquivança, meditou elle. O que entretem a amizade, são as pequen nas ou grandes mercês que entre nós permutamos, e o rico está em mais condições de as fazer, ao passo que ao pobre escasseiam-lhe os meios. Sem essas mutuas cadivas, que tambem podem ser espirituaes (em quão pouco, porém, se estimam estas!) não pôde subsistir o affecto. Succede como no amor, que é a permuta do prazer. Na affeição dos paes é que existe algo immutavel e desinteressado... Mas é porque obedecem a um cégo impulso, ao invencivel instincto que leva todos os seres vivos a proteger a sua prole. A amizade é absurda, anti-natural, se não a inspira o interesse. E eu não posso mais ser bom amigo. Empobreçi.

E incoherente com os seus raciocínios, o coronel Marcílio, ex-millionario, ex-chefe politico, homem culto e generoso, ia em demanda do conforto da amizade sincera, no sitio das Codornas.

Em sua desdita, parecia-lhe que o mundo acabára, revolto por um cataclismo e que apenas sobrevivia a casa de seu amigo, como um oasis no meio da desolação universal.

Foram confrontantes de terras, amigos de escola, companheiros na politica, e, quantas vezes, no meio das attribuições passadas, se valeram reciprocamente, quer material, quer moralmente, ou, se algum delles o necessitava, com a luz guiadora de um conselho/

Recebiam-no alli carinhosamente, rodeando o, tanto o compadre como a velha esposa e demais pessoas da casa, das maiores atenções.

Sentia-se bem entre elles, como em seu proprio lar. Sempre diziam-lhe: «Quando o compadre apparece, para nós é como se fosse dia de festa...» Qualquer trabalho que estivessem a fazer, deixavam-no immediatamente, mostrando tão boa vontade de ser lhe obsequiosos, que Marcílio espaçava suas visitas, para não turbar-lhes a labuta costumada. Esse era o dia do Severo abrir certo armario, onde eram recatadas preciosas alfaias, e de retirar dalli uma celebre chicara toda dourada, que conservavam ainda envolta no papel com que viera da loja, annos antes.—Aquelle chicara era historica, explicava Severo. Nella haviam bebido unicamente o presidente do estado, quando estivera a percorrer a zona, o bispo D. Eduardo e o querido compadre... E, quando vinha nabandeja, tinha como um emproamento de fidalga, ao lado da tigelinha azul com que serviam o café ao Mathias, outro vizinho de terras que sempre alli portava, e que não tinha, como o presidente, o bispo, ou o coronel Marcílio, titulos sufficientes para receber a excepcional distincção.

E ao evocar a affeição tão d'alma, daquelles velhos amigos, o coração de Marcílio sentia-se confortado. Elles já saberiam do desastre: Quanto pesar lhes não teria causado!

Vinha na estrada um matuto conhecido, trazendo na cabeça um feixe de lenha. Passando pelo cavalleiro, posou no chão o feixe, para tirar-lhe o chapéo.

—Bom dia, «sô» coronel Marcílio.

—Não sou mais coronel, Anastacio. Hoje o meu titulo é «sô». Perdi o que tinha, estou mais pobre do que você...

O caipira escancarou os olhos e a bocca.

—Pois devéras!

—E' a verdade. Adeus, Anastacio!

—Até outro dia, sô Marcílio!

O cavalleiro distanciou-se ante os olhos sorprendidos do rustico, que o acompanharam até sumir-se ao longe; então Anastacio repoz o feixe na cabeça «maginando» sobre as reviravoltas da sorte, e perguntando-se como poderia o fazendeiro estar mais pobre que elle, se ia tão bem vestido e montado em tão bom animal.

Ao avizinhar-se do sitio, Marcílio reflectiu:

—Que vim fazer aqui! Entristecer inutilmente com a minha presença aos meus bons amigos...

E agitado, inquieto, sentia-se arrependido e já pensando em voltar. Parecia-lhe que o fim principal de seu passeio não era tanto a ne-

cessidade de conforto, que não lhe poderiam dar e sim o de occupar o tempo, movendo-se, fatigando-se, atordoando-se, para descançar de pensar.

Os amigos vieram recebê-lo á frente da casa, onde elle desceu do animal.

—Que felicidade, compadrel exclamaram. Soubemos de tudo e custamos a acreditar...

E enquanto o levavam para a varanda, iam multiplicando suas interjeições piedosas e maldizendo do Aurelio, causa do desastre.

—E' assim, expandiu-se Marcilio, estou hoje limpo. Ha pouco, na estrada, encontrei o Anastacio, que se mostrou admirado por eu dizer-lhe que estava mais pobre do que elle. E estou. Elle tem o seu rancho, onde mora de emprestimo. o seu pedaço de terra, que cultiva a meias, como aggregado, as suas duas mãos que sabem pegar da enxada, enfim, sua vida está equilibrada no que tende de ser. E eu? Se valia alguma coisa, era pelo meu dinheiro. Habitado desde pequeno á abundancia, não aprendi nenhum officio, não exerci profissão alguma. E agora é tarde para começar... Estou quasi velho e sem fortuna, sem credito, sem amigos. Só vocês...

Os amigos protestaram contra suas palavras de desanimo.

—Compadre, disse dona Etelvina, a fazendeira, não é pela riqueza que uma pessoa vale. O senhor, para nós e para nossa familia, será sempre a mesma pessoa. A's vezes a sorte muda... Se nosso prestimo valesse alguma cousa...

—De certo, confirmou o Severo, depois de uma pausa, retomando o fio da phrase interrompida. Se valesse alguma coisa... Mas, infelizmente, nós tambem...

E queixou-se da sorte, lastimando-se dos maus tempos, das difficuldades da lavoura, dos filhos numerosos em idade de collocar...

—Meu compadre é abastado, meditou o coronel, mas não diz isto por mal. Não será pelo receio de que eu lhe peça dinheiro. E' que um descalabro destes, succedido a um amigo, nos enche de pessimismo pela nossa propria situação. Quando vemos morrer alguém é que nossa saude nos inspira maior cuidado...

E com seu desejo inquieto de agitar-se, aturdir-se, arrependia-se de ter ido ao sitio. Já poderia voltar, levando nos ouvidos o eco refrigerante das boas palavras de seus velhos amigos.

Levantou-se para despedir-se.

—Tão depressa, compadrel Ora essa! Quando mal começamos a conversar, exclamou o Severo, sem ao menos tomar nosso café. Vá arranjar-o, Etelvina...

E para o coronel:

—Não são os amigos que o deixam, é o senhor que os quer deixar...

O coronel sentou-se de novo, enquanto a fazendeira se internava para os fundos da casa.

E a prosa se arrastou ainda por algum tempo, entre longos silêncios, no tom funerario das visitas de condolencias...

O compadre Severo repetia-lhe, para o animar:

(Cuntinúa no fim da revista)

Momento brasileiro

III

MAGALHÃES DRUMMOND

Dando remate e fêcho á segunda parte deste ensaio, dizla eu que esta grande hora de affirmação nacional tem os seus indices mais expressivos em phenomenos muito mais profundos e muito mais generalizados do que os que, ali, assignalei observados no dominio idiomatico e na orbita das creações puramente artisticas. E, em verdade, assim é, e tanto que para o documentar a difficuldade maior está precisamente em resumir os factos ou antes — e mais directamente comprovam o assérto, — tantos são elles.

O Brasil revela já uma “consciencia collectiva” esclarecida, vigilante e, — o que mais é, — capaz de, com criterio proprio, discernir entre o util, o inutil e o nocivo, — consciencia que assim, se mostra, pois, com aptidão bastante para se orientar e para velar pelos destinos da nacionalidade. Não ha nesta affirmação demasia optimista. Factos ahi estão, — numerosos e concretos, — demonstrativos de que o brasileiro è já, não somente capaz de bem apprehender os problémas nacionaes, como tambem de lhes procurar as soluções que mais exactamente os resolvam. E è por isso mesmo que esse “criterio brasileiro” muito ajuizada, muito razoavelmente, vae pondo de parte innumerous preconceitos que, si respeitados, constituiriam intransponiveis obstaculos ao nosso natural evolver.

Um desses preconceitos era o de estar no “urbanismo” a causa principal dos nossos males economicos. Consequencia do servilismo com que por tanto tempo acceitáramos, sem o menor exame, quanta idéa nos chegasse em livros e jornaes europeus, — a these anti urbanista no Brasil revelava, apenas, incapacidade, já não digo de interpretar — mas mesmo de “ver” os nossos factos. Porque a verdade, não a verdade envolta em nevoas de mysterio, e' só p rceptivel á custa de raclocinios, mas a verdade a todos bem visivel, — é que nunca se poderiam explicar quaesquer males nossos como funcção do “urbanismo”, e isto pela simples, peremptoria e decisiva razão de nunca jamais ter existido “urbanismo” no Brasil.

Saint Hilaire, sabio de verdade, sabio dessa forte e nobre sabedoria formada no contacto da vida e no estudo dos factos em sua nua realidade, — Saint Hilaire, — grande intelligencia e grande cultura, entusiasta da nossa terra que elle viajava em grande parte e longamente — affirmara que o grande obstaculo ao progresso brasileiro estava precisamente em a nossa carencia de “urbanismo”. Quasi cem annos depois, alguns estudiosos de cousas brasileiras, encarando-as em si mesmas e não através de theorias fundas na observação da vida e do

habitat de outros povos, renovavam, actualizando-a, a these de Saint Hilaire. Afirmção contra affirmção. Os (os estudos de Saint Hilaire eram de ha um seculo e, dizia-se, não poderiam justificar ainda hoje as suas conclusões, affirmção contra affirmção, continuou prevalecendo, em theoria, a que os nossos "sociologos" tinham aprendido em obras francezas sobre problemas francezes. Em o recenseamento de 1920, vieram a publico os seus resultados, comprobatorios da ausencia de "urbanismo" no Brasil. Os nossos "sociologos" ou levam e não entenderam, ou leram, entenderam e não acreditaram nelles, pois continuam a clamar pelo combate a um "urbanismo" que aqui não existe. . . Ora, — (e aqui é que intervem o "criterio brasileiro), — emquanto esses "sociologos", preocupados em ler livros francezes e, assim, sem tempo para dar attenção ao phenomeno brasileiro, e, assim, alheados deste, continuam agarrados ao seu preconceito anti-urbanista, — a gente brasileira, com a capacidade de ver, de sentir, de pensar os nossos problemas, vae procurando resolvel-os com se esforçar exactamente por fazer o "urbanismo" que nos falta: em São Paulo, em toda a região do Noroeste, a civilisação se faz, se alastra e se consolida mercê exactamente do trabalho de "urbanisação" realisado por "empresas brasileiras constructoras de cidades". Aliás, — (e isto deve ser lembrado em louvor de capacidade de estadista de um dos mais nobres representantes da gente brasileira), — aliás essa mesma politica de urbanisação já fôra de ha muito praticada com pleno exito pelo grande e inesquecivel Affonso Penna aqui, em Minas, com a fundação de Bello Horizonte, — talvez o maior serviço até hoje prestado ao desenvolvimento do Brasil Central, — e no Acre, com a fundação das cidades que ali ficaram como postos de convergencia, de condensação e de irradiação das actividades acreanas e, principalmente, como portos de ancoragem da Lei, naquellas apartadas regiões brasileiras.

Não foi, entretanto, o preconceito do «urbanismo» o unico que o bom criterio brasileiro soube pôr de parte. Um outro houve tambem muito nocivo, porque até se dava ares de preconceito constitucional.

Refiro-me ao preconceito irreligioso em materia de educação e no que respeita ás relações do Estado com a religião catholica.

Apezar das opiniões tantas vezes manifestadas, de Ruy Barbosa e de Pedro Lessa, a interpretação officjal do texto constitucional continuou intransigentemente hostil a qualquer idéa de propulsão da «religião que, no dizer do ultimo desses grandes juristas, «si não é a nossa religião official é, indubitavelmente, a religião nacional brasileira». Pois bem: o que não conseguiu a palavra desses grandes brasileiros, vae conseguindo, silenciosa mas seguramente, o «criterio nacional brasileiro,» apercebido da necessidade de refortalecer esse insubstituivel llame de solidariedade nacional, esse imprescindivel factor agglutinante que é para o Brasil, a religião catholica. Hoje, por todo o nosso paiz, o catholicismo se reorganisa e já se pode considerar triumphante a opinião de que delle não podemos prescindir si quizermos durar como o Estado e como a nacionalidade. Este ideal catholico-nacionalista povôa a alma dos moços, vibra se avoluma em resôos magnificos dentro della, e se impõe á nacionalidade, e já illumina mesmo os documentos officiaes, tocando-os de um

alto e duradouro inealismo, como ainda ha poucos dias vimol-o refulgindo num trecho da mensagem Mello Vianna.

O facto é interessante porque, até bem pouco tempo, era tido por elegancia espirituai o menosprezo a toda e qualquer religião e especialmente ao catholicismo, havidos até então como atrazados retrogados e tacanhos os espiritos que com elle sympathissem. E aqui está mais um preconceito de que a consciencia das nossas necessidades nos libertou. Hoje, sem sermos «carólas», «beatos» ou clericalistas e,—o que é mais,—sem nos determos porque por «beatos» e «carólas» nos tomem, confessamos de publico a nossa sympathia e mais do que isto o nosso devotamento ao catholicismo, proclamando bem alto a convicção em que estamos de que delle necessitamos precipuamente para a nossa defesa contra perigos de absorpção estrangeira que bem proximamente nos ameaçam. E a respeito não deixarei inaproveitado o ensejo que, a este ponto desta minha palestra com os moços, se me offerece para lhes pedir que meditem no que acaba de nos revelar o illustre dr. Francisco Campos num consciencioso trabalho sobre o modo como a liberdade de pensamento é entendida e praticada nos Estados Unidos, e para que assim pelo que alli se faz contra os proprios cidadãos americanos, se avalie o que fariam em nossa terra a intolerancia e a prepotencia *yankee* no dia em que a obra de absorpção ultimasse a supressão da nossa independencia politica...

Não se cifram, porem, ás já apontadas, as affirmações e as victorias do criterio brasileiro.



ALEGRIA

PEDRO NAVA

Os bracinhos humildes e raquiticos
escorrem da molambada bariolada
do dominó do menino pobre

(Nem bisnagas nem conféti nem serpentinas)

Um guizo só
tinindo
retintins
fracos e continuos numa tira colorida
parece o choro cansado
dolorido
duma criancinha agonizante

Um guizo só
e os olhos da máscara
a transbordar um olhar
da mais, louca
dezordenada alegria.

Faze de tua dor um poema

ANTONIO CHRISPIM

1.º acto — NO CAFE' DAS MUSAS

A scena representa, etc, etc.

O poeta lyrico (recitando) :

— “No quadrante esquecido á margem da alameda,
nem a sombra ficou d' aquella hora feliz !
Não sentirei, já velho, a saudade de seda
d' aquella tempo azul em que eu tanto te quiz !”

O côro de azemolas :

— Bravo ! Bravissimo ! Muito Bem ! (Zurros e coices prolongados).

O poeta lyrico :

— “A noite já vem perto . . .”

O poeta satyrico (que, desgraçadamente, não fez versos) :

— E você, tão máo, quer adormecer-nos antes de chegar a noite !

O côro de azemolas :

— Atrevidaço ! Imbecil ! Zebroide ! (Chuva de pedras, assobios e garrafas sibilando no ar, como rimas.)

O poeta lyrico :

— Obrigado ! Obrigadissimo ! E' assim mesmo ! E' esta a corôa de louros . . . de louros e de espinhos ! Coragem, meu povo ! Guerra aos barbaros ! (Cae-lhe uma garrafa na testa.) Ai ! Soccorro ! Ai ! Corja de bestas ! Então vocês não enxergam ?

O poeta satyrico (illeso, atraz dum barril de chope) :

— Entre os versos e as garrafas, prefiro as garrafas. Tambem estão vazias, mas podem encher se !

O côro de azemolas (obrigado moralmente a applaudir) :

— Não é que o cabra tem a sua presença de espirito ? Ora essa !

O poeta lyrico :

— Eu morro ! Eu mo . . . rro . . .

E morre. Assistencia. Panno.

2.º acto — NO HOSPITAL

O poeta lyrico não morreu. Fôra uma syncope. No hospital, esvaído em sangue, pensado, tratado, mimado, faz versos á irmã Anna Maria.

O poeta lyrico (voz tremula) :

— “Brancura irreal de tuas mãos ! Brancura
que minhas mãos jamais hão de manchar !
Ha em ti a purissima doçura
dos lyrios . . .”

Entra um reporter.

O reporter :

— Está melhor ? Como passou ? Sua idade ? Residencia ? Doeu muito ? Como foi isso ? Quebrou a perna ? Seus livros ? O nariz vaé

bem? Apanhou? Bateu? Quantos eram? Mais de vinte? O café ficou es-
tragado? Está com somno? Tem um retrato bom?

O poeta lyrico (num sonho):

— Dos lyrios .. dos lyrios...

O repórter:

— Hein? Lyrios? ! Que negocio é esse? Falava em lyrios? Bri-
gou por causa delles? Que è de lyrios?

O poeta lyrico:

— Dos lyrios de Florensa . . . Uma rima em *ar* . . . Que diabo, è
tão facil!

A irmã Anna Maria:

— O doente não está bom. Tenha a bondade de voltar depois. O
epórter sae. O poeta lyrico descobre a sua rima em *ar*, e dá um pulo
mmenso que o repórter ainda observa, da porta. Panno.

3.º e ultimo acto (irremediavel) NA RUA

Os jornaes gritam a loucura do poeta lyrico. Um caso perdido.
A poesia nacional de Into fechado. Entrevistas. *Clichês* Comentarios.

Um transeunte:

Céos! Que horror! Enlouqueceu! Que horror! Céos! (Etc, etc. Cae
para traz)

O côro de azemolas;

—Hein? Que foi? Hein? Que foi? (Isso durante vinte e cinco minutos).

O transeunte (no chão):

—O poeta ... o poeta lyrico! enlouqueceu! meu sobrinho!

O côro de azemolas cae tambem para traz, soltando uivos e guinchos
horrorosos. Outro poeta lyrico (de pouca fama):

—Graças a Deus! Agora eu trepo!

Numerosos poetas lyricos:

—Eu tambem! Eu tambem!

Um burguez:

—Anda depressa, Serafina!

Serafina:

—Quinzinho, toma modo, menino! Olha a gente!

Quinzinho (novissimo):

—Eu quero vê... eu quero vê o que é isso!..

Um homem gordo:

—Quem? Enlouqueceu? Ah, sim.

Um homem magro:

—Coitado! tambem, a culpa foi delle.

Uma linda mulher:

— Elle vivia me perseguindo. Mas eu dei-lhe um contra!

Outra mulher linda:

—Bobo que elle foi, hein? Enlouquecer!

O poeta satyrico (atrás duma nymphá):

—Antes elle do que eu!

O côro de azemolas immobiliza-se. A noite cae como uma pedra.
Panno.

CAVACO

JUSCELINO BARBOSA

«Temos uma gravissima questão de ordem a decidir precisamente:—O cavaco será um direito adquirido, fará parte desse sagrado e inalienavel «jus vadiationis» que as tradições academicas já consagraram?

O nosso actual programma, com 80 theses a serem explicadas em 80 licções no minimo, é uma perspectiva tão aterradora que levaria logicamente á suppressão do cavaco, essa especie de exordio do curso. A vida de hoje, vertiginosa e cruel para os retardatarios e sonhadores, não admitte mais exordios nem cavacos; quer ir logo e depressa ao amago das coisas. Eu passei 8 annos ausente desta casa. Talvez dentro destes muros sagrados nada se tenha alterado; mas lá fóra houve tremendas mutações.

Nesses 8 annos dirigi estrada de ferro, fabriquei sola, abri terra e plantei batatas. Não acceito o simile do filho prodigo da parabola; esse senhor andou na farra e eu estive trabalhando. Não occulto a minha profunda e doce emoção ao me sentar de novo nesta cathedra. No meio da anarchia universal ainda é o Direito uma esperanza de reconstrucção. Estudal-o com amor é reconfortar o espirito. Vejam os senhores esse imperecivel monumento juridico da antiguidade —o «Corpus Juris», terror da mocidade estudiosa de hoje: mais do que as glorias militares, mais do que os bellos e numerosos monumentos architectonicos, foi elle que conservou e immortalizou o nome de Justiniano. Ortolan nos prolegomenos da «Legislação Romana» faz commentarios muito justos a respeito desse imperador, um dos muitos mortaes a quem a Historia denominou «grandes»! O proprio imperador diz com certa vaidade no preambulo dos Istitutos que o seu governo brilhou pelas armas e pelas leis:— *Imperatoriam magestatem non solum armis decoratam sed etiam legibus armatam...*

A biographia de Justiniano é um bello exemplo da predominancia do legislador sobre o militar atravez das perspectivas da Historia. As vezes essa mestra da vida faz com os grandes homens um trabalho de analyse de curiosissimos effeitos: distribuidas as victorias aos bons generaes, as instituições legislativas aos juris consultos, as obras primas de arte e poesia aos artistas e poetas—arranca-se a toga imperial e, sob a purpura descobre-se um reles homem que é apenas homem, isto é, fraco, as vezes dis-

forme, pequeno apesar de seu qualificativo de grande. Mas nós não somos historiadores... Justiniano foi victima de coisa parecida, observa Ortolan, não por parte da posteridade mas ainda dos seus contemporaneos.

Procopio, historiador das suas guerras, descriptor das construcções e edificios monumentaes, acompanhava os exercitos, examinava e estudava todos os planos e projectos de architectura. Naturalmente iria á larga, bem estipendiado, sem preocupações de carestia da vida, para manter o optimismo e a imparcialidade indispensaveis á verdadeira Historia. Que fez entretanto, o canalha? Depois de escriptos 8 volumes de narrativa por assim dizer official, preparou ás escondidas um novo — o *Livro de anedoctas* ou *Historia secreta*, verdadeiro libello contra os vicios e os crimes do imperador e principalmente da imperatriz. E diz sentenciosamente que o fez «para que todos os que exercessem mais târde o supremo poder se pudessem convencer, por taes exemplos, da execração que os espera pelos seus crimes» etc! Que sinceridade commovente! Oito volumes de elogios, de engrossamento e, ao fim, a confissão da propria mentira, da falsidade.

Historiadores taes são decerto o tronco ancestral de onde procedem os jornalistas que endeosam governos emquanto o Cofre das Graças não se fecha, e depois os insultam confessando assim a sua dupla torpeza.

«Uma cabana na Illyria e o throno imperial em Constantinopla» — eis as duas etapas, inicial e final, da vida de Justiniano. Nasceu em Taurisium. Seu pae chamava-se Zabatines, sua mãe Biglemiza. O seu nome verdadeiro em slavo era Upranda. Justiniano vem de Justino, nome do tio que o adoptou: a desinencia era usada para indicar a adopção. Justino foi soldado, tribuno militar, prefeito de Pretorio, depois imperador. O sobrinho adoptado acompanhou a fortuna do tio. Esteve pela Italia, junto de Theodorico, como retém deixado por Justino. Voltou a Constantinopla logo que o tio subiu ao throno e ahi perlustrou a escada das dignidades: foi *magister*, *coronel*, *patricius*, *comes*, *nobilissimus* e em abril de 527 foi creado Cesar e associado ao imperio. Meritos proprios ou influencia do tio? Procopio affirma que a adhesão do Senado foi forçada, outros historiadores sustentam que a iniciativa da proposta partiu do Senado. Quatro mezes depois, em agosto de 527 morria Justino, como se esperasse apenas garantir o throno ao sobrinho, e Justiniano em pleno vigor — com 45 annos de idade — envergava a purpura imperial. Com elle subiu Theodora, uma das grandes figuras femininas da antiguidade. Não levara ao throno uma collaboração de virtudes exemplares; muito ao contrario! Começara num circo, passara

pelo theatro e pelo celebre portico das prostitutas, o *Embolum*. No logar deste ella mandou construir depois, em expiação, o templo votivo de I. Pantaleão. As leis antigas decerto injustas e retrogradadas — prohibiam o casamento de actrizes, etc., com pessoas que tivessem a dignidade senatorial; mas Justiniano queria casar-se com Theodora. Que fazer? Revogarem-se as leis.

No Codigo 1. V titulo 4 *De nuptiis* encontraram-se em termos geraes as allegações de ser necessario um systema de egualdade mais liberal entre os cidadãos, abrir caminho ao arrependimento, applicar os principios da religião christã, que perdoa sempre aos que se querem emendar, etc.

Ut, si derelicta mala et inhonesta conversatione, commodiorem vitam amplexæ fuerint, honestalique sese dederint, liceat eis nostro supplicare numini... ad matrimonium eos venire permittentes legitimum.

E mais ainda: *Nam, omni macula penitus direpta et quasi suis natalibus hujusmodi mulieribus reddites, neque vocabulam inhonestum eis inherere de cætero volumus, neque differentiam aliquam eas habere cum heis qua nihil simile peccaverunt.*

Absolvição completa, agua lustral e purificadora de um novo baptismo. Isso fez justino para ser agradavel ao sobrinho.

Procopio exclama indignado: «Nenhum senador, nenhum preledo se oppoz ao casamento e aquelles mesmo que pouco antes apreciavam no Theatro do Povo as graças secutas de Theodora passaram prostar-se deante della como escravos com as mãos em supplica!»

Essa Theodora que Sardou immortalizou num drama admiravel, parece que foi realmente tremenda. Sua influencia era tal que o historiador daquela epocha João Zonaras affirma que «quando Justiniano chegou ao throno, não houve apenas um poder, mas dois: porque sua mulher era não menos e talvez mais poderosa do que elle». Em mais de uma occasião, elle lhe passou o sceptro e o governo; promulgara leis a seu pedido; os titulos, os triumphos, as inscrições nos monumentos publicos, até o juramento dos funcionarios eram em nome de um e de outro. Esse grande caminho tinha percorrido a extraordinaria mulher desde o *Embolum* onde se offerencia a quem quizesse pagar!

Era das taes a quem a Satyra de Petronio applicava o vocabulo *tapanta* — que em grego quer dizer tudo...

(Continúa no proximo numero)

SABEDORIA

A EMILIO MOURA

ABGAR RENAULT

*Homem ingenuo e descuidado, sê prudente.
A tua dôr é grande, muito grande,
e tua alma muito estreita . .
Teu coração é tão raso
e tão profundo o teu amor !
E' um minuto a tua vida,
e ha no teu sonho
um hausto de infinito,
e um gosto de eternidade . . .*

*Homem ingenuo, tem cuidado !
Vê que o teu sonho ainda é maior do que tu mesmo . . .
Que elle seja simplesmente
o reflexo perfeito
do teu ser imperfeito;
e que caiba na tua alma,
como dentro em tua mão.
Vive-o dentro de ti sómente,
numa serena realidade subjectiva :
Não o busques na Vida,
que a Vida não te conhece,
nem o conhece . .*

*Homem ingenuo, tem cuidado. Sê prudente.
Vê bem como és pequeno,
e como é luminoso e alto o teu sonho !
Tão luminoso, tão alto como uma estrella . . .
— Traze nos olhos tristes, si te apraz,
o fogo — pallido da estrella,
mas não alces teu braço, homem inquieto,
ao céu para colhê-la . . .*

Pobres dos pobres que amam!

MARIO CASASANTA

I

Quando passo pelas estradas desertas, nas horas melancolicas da noite, gósto de te vêr nas frestas de teu alto castello roqueiro, Senhora Princeza de olhos luminosos e de pelle branquissima de lyrios!

Em que cuidas tu, nas tuas horas de silencio?

Que escondes tu, no fundo profundo de teu pensamento?

Que buscam os teus olhos, quando os atiras para a noite?

Que figura tem Aquelle que tu sonhas e que tu esperas, tu—que vives entre as preces da tua capella e entre as flores de teu jardim, e que só sabes sorrir de leve nas festas mais ruidosas? Que figura tem o Principe de Encanto que tu sonhas que te vem buscar, na hora mais venturosa de tua vida?

...Oh! Princeza de olhos luminosos!

II

Dos paizes mais distantes, os Principes te vêm buscar. Altos, fortes, galhardos, ei-los a passar continuamente pelas estradas, num largo estrondo de armas. Dom Bravo, que venceu os homens mais féros e que tem apenae vinte annos! Dom Lyrio, que melhor sabe tanger a lyra! Dom Tello, com o seu semblante carregado, e que nunca foi vencido! Dom Baltazar, que conquistou os reinos mais poderosos! Dom Pedro, que possúe thesouros de lenda! Dom José, claro e firme, que é rico da maior virtude! O Principe da Serenidade—que é o mais sabio dos principes! O Principe Moreno, que lê nos astros e que é um grande Magico!

Dos paizes mais distantes, vejo-os a vir pelas estradas heroicas de nosso pais, para te encantarem os olhos, minha Flôr! Mas dize-me: em que tu cuidas nas tuas horas de silencio e por quem esperas tu, Senhora Princeza?

III

Tu não achas que Dom Bravo devia de ter mais de vinte annos, quando venceu os homens mais féros?

Dom Lyrio tange, com belleza, a lyra de oiro: mas nunca ouviste dizer que a voz de sua lyra e de sua bocca é para todas as castellãs do Reino?

Dom Tello parece de facto robusto e temeroso. Mas achas que elle luctou com os maiores luctadores, para ter o direito de se chamar o Invencivel?

Dom Balthazar conquistou os maiores reinos. Mas não achas que Dom Balthazar é desageitado e rudo?

Dom Pedro alardeia o maior thesouro. Mas não dizem os mendigos que taes thesouros têm uma origem infame e que elle os roubou no mar?

Dom José tem a maior virtude. Sabemos lá, porém, quem tem, nesta terra, a maior virtude, se não podemos olhar para dentro dos corações humanos?

O Príncipe da Serenidade é o mais sabio dos principes. Mas não achas que elle é taciturno e amargo?

O Principe Moreno lê bem nos astros e é um grande Magico. Haverá, comtudo, alguém que venha a adorar um feiticeiro?

I V

Nossa Senhora, andando pelos nossos caminhos, disse, um dia, a um velho monge que morria de velho, ao pé daquella montanha distante: «Que a Felicidade está muitas vezes perto de nós e que não a devemos buscar muito longe»...

Tu sabes o que dizem os livros velhos de nosso paiz? Que um Reis fatigado de procurar por todas as terras algum principe digno de desposar a sua filha e de frzer feliz o seu povo, escolheu—um nobre pastor entre os pobres pastores de nosso paiz. «El foram muito venturosos e o seu reinado foi mesmo um sorriso». acrescenta o livro das lendas...

V

Que é que pensas, nessas horas melancolicas da noite, minha Princeza de olhos luminosos?

Porquem esperas tu a olhar para as estradas longas e alvas?

Que buscam os teus olhos, quando os atiras para a noite?

Que pensas dos vultos galhardos dos principes que te passam de-baixo dos olhos, pluma ao vento, num rebrilhar de armaduras formosas?

V I

Tu não conheces a vida de teu Paiz, oh! Princeza! Nestes valles, ha luctas heroicas entre os teus pastores—e sabes tu, por acaso, quem é o vencedor? Ha entre os homens de tua terra--formosos homens--e sabes, por acaso, quem é o mais formoso? Nas guerras terriveis de teu pae, ha soldados valentes--e sabes, por acaso, quem é o mais valente? Nas noites de encanto, entre as trovas ricas dos cavalheiros estranhos, ha patricias trovas de ternura que fazem chorar--e sabes, por acaso, quem trova melhor entre os pastores de teu Paiz? Pergunta, que te dirão, oh! Princeza de olhos luminosos e de pelle branquissima de lyrios! Pergunta, que te dirão, Senhora!

...Oh! Senhora!



Os livros e as idéas

Brasil

«PAULISTICA» — Paulo Prado — S. Paulo — 1925.

Precisamos toruar a historia cada vez mais historia. A critica nesse terreno tem de ser necessariamente parcial e tendenciosa. O estado de espirito de um historiador não pode ser o de um quimico contemplando um precipitado. No fundo, a historia é um acto de fé. Deste modo poderia a critica cair no puro diletantismo? As avaliações dos factos passados não indicam uma optica friamente intelectual. O passado não é um museu em que o visitante passeia um olhar de vidro. E' cousa viva. Posso assegurar-o a todo o mundo. Ela se esterilizaria numa atmosfera de pura intellectualidade.

Não se trata de constituir-a ao sabor de personalissimas creações arbitrarías. Aqui, a verdade se gradua pela força historica, pelo valor construtivo do acontecimento. E' o caso que certas lendas são mais profundamente verdadeiras do que factos meridianamente provados. Isto porque ellas se prendem ao fio das tradições e fazem parte das raizes de um espirito nacional. Como se vê a simples imparcialidade ou a indiferença comprehensiva falsearia a visão dos factos historicos. Eles não querem ser contemplados mas vividos.

Como é estúpido e improductivo o rigorismo da exegese documentaria o fetichismo do papel escripto. O que se exige é a transformação ou mesmo a transfiguração dos acontecimentos registrados em historia. Falo a proposito dos estudos do Sr. Paulo Prado. A meu ver oferecem bastante interesse. São feitos com intelligente parcialidade. E' sempre proveitoso qualquer trabalho no sentido de se recompor o nosso ambiente historico. Ha uma romeça dispersão dos nossos factos passados. A pura documentação nada adianta. Anda por ahi carangueijando um assiscintrismo livreco e improductiuo a que precisamos dar cabo.

Fóra a inspecção administrativa dos factos passados! Sr. Paulo Prado não realiza propriamente uma grande synthese ou visão de conjuncto da historia de S. Paulo. Traz esclarecimentos de algumas fases importantes. Nuuca é demais falar do bandeirismo paulista. Naquelle estado a atmosfera historica não apresenta a mesma rarefacção que se observa nos outros. Dahi um tipo paulista um tanto diferenciado. Estudal o atravez das reacções psiquicas do seu cruzamentos, das pressões ambientes, das circumstancias sociaes que acompanharam o seu desenvolvimento, é mostrar o seu gráo de diferenciação.

A organização e a expansão da sociedade vicentista nos nossos primeiros seculos são pontos importantissimos da nossa evolução social. Foi,

ahi, o foco do movimento expansionista das bandeiras. Mais um pouco ao norte a lenda maravilhosa das minas leva os homens, apenas, a pequena distancia da costa. A ambição não foi o unico factor. Os latifundios de S. Vicente e S. Paulo estavam maravilhosamente aparelhados para aquella empreza. Vejam Oliveira Vianna. Ele nos indica os factores sociais e antropologicos que transformaram o dominio rural fixo em verdadeiro dominio em movimento.

E' o transbordamento do excesso humano dos engenhos. E' a continuidade da acção do nomadismo guerreiro das entradas ao nomadismo explorador dos bandeiras. E' a miseria que a densidade demographica dos latifundios vinha trazendo agindo como força de deslocação. E' o proprio desequilibrio psicologico do forte grupo mestiço e a sua instavel posição social intermedia a dos senhores de engenho e a dos escravos.

Desperta muito interesse o capitulo em que estuda a decadencia paulista no seculo XVIII. Houve, de facto, decadencia? Os periodos obscuros em historia se caracterizam algumas vezes por um trabalho subterraneo de valor inestimavel. Vivemos a julgar mal as pequeninas idades medias do passado. Realmente como nos aponta o Sr. Paulo Prado a paralização da vida no seu estado se deu pela dispersão imensa da população rural pelos sertões. Mas acabado o delirio minerador? O paulista já não traz as qualidades fortes da nobreza primitiva. Amoleceu a sua fibra-tura rija na existencia dissoluta dos nucleos mineradores. A propria seleção que se fazia no isolamento dos latifundios desaparece no tumulto das minas. A massa compacta das povoações dá logar a uma vida promiscua.

O quadro aristocratico dos senhores territoriaes se fende. O paulista se abastarda em contacto com os elementos mais extranhos. Entretanto é naquelle periodo obscuro da historia paulista que se realiza o trabalho de fixação do homem á terra. E' quando se dá a penosa transição do nomadismo do bandeirante e do primitivo sertanista para o sedentarismo do cultivador dos campos. Até ali, o homem tem sido um infixo. Sua posição é inteiramente instavel. Antes da descoberta das minas dominava naquelle estado o regimen pastoril que, se apresentando sempre com um caracter de turbulencia, impedia aquella adaptação á terra. O regimen agricola a trouxe. afinal. De resto, é preciso dizer que o dinamismo da natureza intima do bandeirante não desapareceu da constituição subconsciente do paulista. Estruturou o tipo actual. E a prova está nos empreendimentos do seu brilhante industrialismo e nos esforços libertadores de seu intellectualismo.—M. de A.

AZAS E PATAS—Paulo Silveira—Rio—1924

E' o diabo o sr. Paulo Silveira não querer se compenetrar das conquistas do espirito moderno entre nós. Que pena! E' um rapaz tão interessante. Lá vai indo de confusão em confusão. Atrapalha tudo. Continúa a levar susto dos espantalhos academicos. Insiste em apedrejar. Pensa que a destruição tem seu fim nella mesmo. Está perdendo um tempo precioso. A maior lucta que elle

tem a realizar é contra elle proprio. O anti-academismo pôde ser um academismo ás avessas. Para o sr. Paulo Silveira o «moderno» é uma attitude retorcida do espirito e não uma disposição da intelligencia e da sensibilidade.

Não manifesta nem pela compreensão nem pela expressão a sua renovação intellectual. De algazarras já estamos cheios. O que falta ao autor de «Azas e Patas» é educação artistica. A sua sensibilidade é grosseirissima. Está pedindo uma disciplina rigorosa. Eis um que não deve falar em liberdade. Foi Marinetti e outros sujeitos insuportaveis de além-mar que o botaram naquelle estado de confusão intellectual. Digamos a verdade: o sr. Paulo Silveira aproveitou-se do movimento artistico reformador para chamar a atenção sobre si. Foi o meio mais facil que encontrou, para irritar a platéa. Sua preocupação dominante é o publico. Como se vê não posso encarar-o como critico.

Para isso lhe faltam todas as faculdades características. Largueza de compreensão. Simpatia pelas idéas. Poder de observação. Poder analitico. Um ou outro traço de sistematização. Tendencia logica da preferencia. Intelligencia voluptuosa da escolha. Multiplicidade de pontos de vista. Sem malabarismo de idéas. Sem versatilidade dileitante. Com noção exacta da perspectiva no dominio da estetica. Nada disso encontramos no sr. Paulo Silveira. Não posso julgá-lo mais do que um interessante panfletario. Neste caso, muito brilhante. É possuidor de uma boa estrategia intellectual. Toma sempre a ofensiva. Atira palavras como um moleque atira pedras. Boa pontaria. As vezes, acerta em cheio. Tem vibração. Tem fibra combativa. Tem liberdade de movimentos. Emprega um verbalismo bem sonoro. É verdade que atravez da espessura verbal de suas expressões a gente não consegue distinguir nenhuma idéa.

O que o rapaz tem é talento de caricaturista. As suas caricaturas nos arrancam um bom riso, o que compensa uma ou outra irritação que seu autor nos causa. É um grande pandego, o sr. Paulo Silveira. A gente acha uma bruta graça quando ele nos diz que o estilo do sr. Medeiros e Albuquerque é uma caixinha dentro de outra caixinha que por sua vez está dentro de outra caixinha ou que o sr. Felinto de Almeida registra os seus versos na Junta Commercial.

São impagaveis essas interpretações burlescas, essas impertinencias pitorescas. O autor de «Azas e Patas» não leva a serio ninguem. E nós lhe pagamos na mesma moeda. Não levamos em consideração as tolices que disse a respeito da intellectualidade paulista. Esta, não se representa só por Mario de Andrade mas tambem por personalidades inconfundiveis como Osvaldo de Au-

drade. Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Couto de Barros e outros. Do mesmo modo não tomamos conhecimento da afirmação de que tem concorrido extraordinariamente para a renovação intelectual entre nós. Afinal ia me esquecendo de falar das metaforas que o espirito do sr. Paulo Silveira esguicha como um re-puxo. Não ha nada mais arcaico entre nós. São de um preciosismo insuportavel. Precisam ser abolidas.—M. DE A.

ESTETICA. 3.º numero. Rio 1925.

A «Estetica» continúa a dar gosto a gente. Representa sem duvida o melhor indice da intellectualidade brasileira. Oferece uma compreensão perfeita do espirito moderado na sua face constructiva. Prudente de Moraes Neto e Sergio Buarque de Hollanda estão realizando um bellissimo trabalho de concentração dos elementos dispersos do nosso meio intelectual. O 3.º numero está excelente. Orientação segura. Força na criação artistica e intelligencia nas idéas criticas. O que mais se exige? Inicia o numero o Noturno de Bello Horizonte que vem marcar definitivamente não só a nova fase do espirito de Mario de Andrade como de toda a nossa poesia.

Dansas foi realmente o ponto de transição de Paulicéa para o Noturno. Naq. ela poesia a gente admira, sobretudo o prodigio da expressão tecnica. O elemento lirico tem menos intensidade. Dela decorre o dominio completo de Mario sobre a propria sensibilidade. A realização formal, a intellectualização do lirismo agiram como força disciplinar. No Noturno se estabelece o equilibrio entre os meios expressivos e a massa lirica. Caracter constructivo perfeito. E' como disse uma fase inteiramente nova da nossa poesia. Até aqui temos visto que a preoccupação dominante dos nossos poetas é a natureza. De de a escola mineira passando pelos romanticos até os parnazianos. Poucas são as notas humanas na nossa poesia. Resoam elas algumas vezes, nos versos de Castro Alves, Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Alvares de Azevedo e Bilac. Sem intensidade. No fundo, são poetas descritivos. A natureza tropical os escravisa. Usam e abusam da formula romantica de inadaptação. Não acharam o seu centro de gravidade no nosso meio. Eis o que Mario encontrou. Não sofre a menor pressão ambiente. Calçou melhor que ning. m o homem á nossa realidade. Pronto. Eis onde eu queria chegar. A natureza já é a sua preocupação escravizante. Exprime a sua dominação espiritual sobre ella pela evocação. Não se humilha nem se aba. dona á impressão brutal e directa do meio físico. Domina-a. Funde-a num estado de pura rememoração.

Sem prejuizo do fluxo lirico. Sente h'istoricamente a nossa paisagem natural. Corrigiu o seu excesso com um fundo humano. Disciplinou a sua abundancia. Tranquilizou o seu tumulto. Eis porque já falei na tentativa de equilibrio, em arte, dos nossos elementos decorativos.

Tem festa de Tejuco pelo céu!...

Barbara Heliadora desgrenhada louca
dizendo versos deca a rua Pará».

Desses versos nos vem uma impressão absoluta de tranquillidade. Já se vê que o exagero do ambiente natural foi alinhado pela perspectiva historica. Não é mais a pura representação da realidade exterior. O plano de fundo dessa poesia é o homem.

Agora a gente pode compreender realmente a precisão e unidade do sentimento brasileiro em Mario. Lembro mais o episodio quasi epico do Rola Moça em que se vê como o elemento lirico intensissimo vem do fundo das nossas tradições das raizes do nosso espirito. E' isto mesmo. Ao ler o Noturno a gente tem o prazer de um vegetal que sentisse as proprias raizes. O final do poema não tem a mesma força poetica do resto. Me parece que se deu, ali, um resfriamento intelectual. As ideas são muito puras e muito frias. A atmosfera é outra. O ar é rarefeito. Respira-se mal. Mas não será preciso dizer que a visão ciclica de Mario exige aquele final que não quebra a unidade da sua poesia.

Vamos ás outras poesias da revista. Guilherme de Almeida mostra-se admiravel em Febre Amare'a. Manuel Bandeira me impressionou muito em «Eu não sei dansar». Vem confirmar o meu ponto de vista. A poesia dele é um acto do corpo. A melhor observação é mesmo a sua: «eu não sei dansar». Posso garantir que si Manuel aprendesse a dansar seria o maior poeta brasileiro de todos os tempos. Prudente de Moraes Neto apresenta outra face do seu espirito. Baependi é interessantissimo. A gente lê com gosto. Mas achei pouca poesia dentro dos versos. Penso que sua intelligencia critica muito forte exerceu uma pressão excessiva sobre a impulsão lirica. Em todo caso, é coisa boa o poema dele. Carlos Drummond mostramem a força dessa geração nova mineira que surge com ele. Pedro Nava, Emilio Moura João Alphonsus e outros. E' sem duvida o espirito mais representativo. A sua poesia Construcção é notavel. Indica bem uma frescura primitiva de sensações, uma abundancia de elemento lirico, uma originalidade nativa. Drummond chega quasi a definir um sentimento mineiro com a sua ingenuidade maliciosa e sua «humildade bonita». Nada tenho a dizer sobre as poesias de Minotti del Pichia e Andrade e Almeida e Arinos Sobrinho. São os mais fracos. A prosa toda está excelente. Couto de Barros apresenta um magnifico trabalho

crítico. Joga com ideias que correspondem immediatamente a realidades. Eis um que não pensa segundo os manuaes de psicologia. Não cataloga nem classifica. Submete os espiritos a um corte vertical. E' um analista fino. Dá conta da natureza fisica das cousas. Não cae no vago e no abstracto. O mundo do seu pensamento é dotado de movimento e de vida. Faz descoberta de leis e revela factos interessantes do nosso quimismo intellectual. Trabalho solido, na verdade.

Sergio Buarque de Hollanda faz um belo estudo sobre o nosso psiquismo subconsciente. Traz bons esclarecimentos. *Penso que devemos andar com cuidado nesse terreno. Os francezes estão fazendo do subconsciente um superconsciente. O supra realismo é uma receita. O manifesto veio antes da criação. Procura impor ao espirito determinados meios expressivos. Crea jogos de puro ilusionismo. Certas obscuridades das obras supra realistas se assemelham muito com o «inacabado» das creações de Rodin. São bem arrançadas. Não produzem efeito depois que a gente descobre o mecanismo do *só pra atrapalhar*. Os francezes estão fazendo do subconsciente o que fizeram da psicologia de Dostoiewsky quando começaram a usar uma formula do horror á russa, outra do abismo psicologico, outra da simultaneidade dos sentimentos contraditorios. O verdadeiro papel do subconsciente é de enriquecer a intelligencia. Afinal, Tristão de Athayde já penetrou no trabalho a que me refiro com a profundidade critica que lhe é peculiar. Outros trabalhos interessantes são de Millietto e Teixetra Soares.

A orientação critica está como disse excelente. Rodrigo de Andrade mostra com muita intelligencia o erro fundamental de Graça Aranha nas suas considerações sobre o espirito moderno. Prudente de Moraes Neto que se vem revelando um dos nossos melhores criticos estuda com profundidade «Escrava que não é Isaura». Discordo de algumas de suas ideias que não me é possível discutir em poucas linhas. O mesmo acontece com relação ao penetrante trabalho critico de Mario de Andrade sobre o «Meu». M de A.

...ESSE AMOR QUE VEM ATRAZ DE UMA BATALHA...—Manoel Victor (M. Victor e Basile, editores. S. Paulo).

Folheando este volume do sr. Manoel Victor, estive a pensar que a maior praga de nossa literatura não é a ausencia de sentimento brasileiro, é a depravação de seu romantismo. Casimiro de Abreu continúa a repetir-se monótona e desoladoramente na maioria de nossos poetas e mesmo prosadores. Tosso, febres, hemoptyses, luar. Ah! o

luar! a tosse! as hemoptyses! A tosse diminuiu um pouco de valor; mas o luar continúa como elemento importantissimo de inspiração. Ha camuflagem, não nego. Mas sob a camuflagem permanece o torpe romantismo, já viciado em Casimiro e viciadissimo na actualidade. O livrinho do sr. Manoel Victor, de que trato por dever de officio, é um exemplo. O autor, em 101 paginas escriptas exclusivamente prá sua namorada, nos fala em «osculo enlvarado de mysticismo», «sol trahidor que é o factor da adustão que vae nos corações amantes», «manhã garrula e céo pando de brisas», «luzerna do crescente», «incenso thuricremo», e se mostra «edulcorado de blandicia tanta». Com franqueza: prefiro beber este agua na bica do Casimiro, que é mais potavel.—D.

Uruguay

«EL ARQUERO» e «LA CASA ILUMINADA»—Ildefonso Pereda Valdés - Montevideo.

Nós tivemos aqui um grande amigo da literatura hispano-americana—o sr. J. A. Nogueira. Mas nem por isso essa literatura encontrou novos divulgadores de sua produção volumosa. Continúa quasi desconhecida. A razão disso está muito patente. Vamos á Europa com mais facilidade. Já possuímos guias seguros que nos levem ás fontes verdadeiras e fecundas de sua fermentação espiritual. Ninguém se quer dar ao trabalho de procurar e de examinar, no seio de outras literaturas, obras que mereçam o carinho de nossa admiração. Aqui, por exemplo, estão dois livros do sr. Ildefonso Pereda Valdés, de Montevideo: «El arquero» e «La casa iluminada», o primeiro de ensaios criticos; o segundo de versos. Confesso que desconhecia esse autor, desconhecendo os seus livros. O sr. Valdés era apenas um nome que eu já vira em jornaes e revistas. Entretanto estamos deante de um verdadeiro poeta, de um poeta que sabe realizar uma poesia nova e expontanea, em nada semelhante a esse desperdicio verbal e de imaginação tão ao gosto de certos poetas sul-americanos. Mesmo na sua prosa notamos o rastro de sua poesia. Sentimos, alem disso, como elle é pessoal e sincero, quando procura estabelecer que são «el desinterés y la pureza de sentimientos estéticos los dos elementos esenciales de arte». Está ahí um espirito que sente todas as cousas fazendo o possivel para comprehender o sentido verdadeiro de cada uma dellas. Está longe de fazer da critica uma cadeia de dogmatismos. Não procura apertar as impressões que recebe até que essas caibam numa dada equação individualista, a querer que á propria esthesia corresponda o feitorio de todas as cousas. Mas nem por isso cae no erro contrario, anulando a propria personalidade. Para salvá-lo dessa tendencia ha o seu fino gosto intellectual. Dessa maneira vae proseguindo na sua criação entre um subjectivismo intelligente e um razoavel objectivismo. Vae anotando os autorescom uma sabedoria discreta, sem pretender mais do que realizar uma obra de since-

ridade e belleza. Está mesmo nesse feitio o seu traço mais acentuado. Foge ao dilettantismo, ás opiniões apressadas e calorosas, a tudo que não trae esse equilibrio e clareza essa de espirito que parecem ser a sua verdadeira preocupação. Podemos dizer d'elle o contrario do que diz a respeito de Wilde, no seu livro de ensaios: "Wilde se alejó de la sencillez y de la naturalidad, fuente del arte verdadero, y se afectó mucho." Possuindo num grão muito elevado o prazer das idéas e amando as imagens com uma disciplinada voluptia, o sr. Valdés, vai tecendo a sua obra com doçura e penetração. "El arquero" é um pequeno volume de ensaios. Ha ahí estudos sobre algumas figuras intellectuaes que bastam para testemunhar o bom gosto desse escriptor nas suas predilecções. São figuras como Jules Romains, Vildrac, Mallarmé, Wilde, Leon Bloy, Poe, Remy de Gourmont, etc. Se ha alguns estudos ligeiros, quasi superficiaes, como aquelle sobre Vildrac, ha outros, admiraveis de idéas e de intuição creadora, como as notações sobre Poe e sobre Wilde, como ainda aquella outra pagina a respeito de Leon Bloy.

*

E' curioso notar o que diz esse poeta, falando do "modernismo" "Así el modernismo si diferencia del romanticismo más que nada en las imagenes" Antes já havia dito: "mejor dicho, es o unico (a natureza das imagens) que caracteriza y diferencia a los movimientos literarios." Até certo ponto, de accordo. Mas pensar dessa maneira é ver o problema no que elle possui de exterior. As imagens são um recurso da intelligencia, e nunca a expressão exata do que nós possuímos de interior e de diferenciado, a propria essencia da nossa personalidade. Querer julgar, por exemplo, um poeta como Cocteau pelo capricho das suas imagens ou pela scintillação de seu verbo, é ficar muito longe da complexidade diabolica desse espirito perturbador. E' verdade que se poderia fazer um estudo dos movimentos literarios, valendo-se muito desse ponto de vista. Podia ser até curioso. Mas isso seria apenas focalizar uma manifestação diferenciadora. Por outro lado surgiria logo uma outra difficuldade. As imagens vivem do capricho do nosso momento creador e emotivo e trazem um pouco da leviandade desse capricho. Que diferença, por exemplo, entre a natureza das imagens na obra de um Giraudoux e na de um Max Jacob! O que faz com que elles sejam modernos é menos a natureza das imagens do que o proprio espirito da obra de cada um delles, é menos a expressão verbal do que a expressão interior. Não podemos, portanto, gyrar todo o problema do modernismo somente sobre uma de suas faces.

Mas o sr. Valdés acaba sempre deixando em nós alguma cousa de curioso e de intelligente, mesmo quando não accetamos as suas idéas. Em qualquer sentido que se dirija, o seu pensamento é rico e voluptuoso. E é encantadora a sua arte. Si nelle, alem do critico ha o poeta, é para que este lhe traga ao senso da analyse uma expressão de bom gosto, numa forma literaria que possui o seu maior encanto na simplicidade com que se desenvolve. Para que se pense assim basta que se tenha lido o que elle diz de Poe, por exemplo: "Poe era un matemático de la imaginación, y reducía toda su imaginación a formulas." Ou de Remy de Gourmont: "...es un Epicuro refinado por la inteligencia y la cultura.

En Gourmont cuesta separar lo intelectual de lo sensorial y no sabemos hasta que punto es intelectual y hasta que punto es sensual''. Não são notações estas que valem por todo um ensaio de critica? E. M.

França

AU COEUR DE VERLAINE ET DE RIMBAUD—Marcel Coulon
(«Le Livre». Paris, 1925).

O velho ménage Verlaine-Rimbaud continúa a impressionar os letrados de França, que não se cansam de inventariar a roupa branca, as attitudes e os feitos daquelle casal. Desconfio que o leitor francez já se aborreceu disto. O leitor brasileiro é que não tem nada com o peixe. Livros como este do sr. Marcel Coulon nos causam uma grande decepção, por isso que procurando nelle uma visada psychologica, ou uma interpretação mais recente da obra de Rimbaud (a de Verlaine está exausta), achamos apenas informes bio-bibliographicos, de duvidoso interesse. Com effeito, que nos importa saber:

1.) que «longas circumstancias de sua vida, muitos traços de seu character, certas porções de sua obra dão a Verlaine tanto direito de se dizer londrino quanto a Beyle de se proclamar milenez»? Isto já foi dito, não é essencial e nem ao menos rigorosamente verdadeiro.

2.) que nos «Romances sans paroles» o poeta escreveu taes e taes versos inspirados pelo seu béguin e outros tantos destinados a se desculpar aos olhos da justiça? A gente leu os versos, gostou mais deste aqui, menos daquelle outro, e prompto. O resto é—foi—com as partes no divorcio de Verlaine.

3.) que o soneto «Poison perdu» tem sido attribuido por Fulano e Fulano a Rimbaud, mas que Beltramo e Sicrano negam sua authenticidade? Tudo para terminar (um estudo de 40 paginas) com a seguinte affirmação: «Quanto a mim, penso que o soneto não é de Rimbaud, porque tatatá, tatatá...» E começar outra vez.

4.) que «na lista dos casamentos que acabaram mal, a união de Paul-Marie Verlaine com Mathilde-Sophie-Marie-Mauté, celebrado a 11 de Agosto de 1870, occupa um bom lugar, o primeiro sem duvida, si se trata de casamentos que interessam á Anthologia»? Neste ultimo capitulo, o autor, sob pretexto de illuminar suas divagações, publica duas peças do processo de separação de corpos, o que, sobre ser inutil, me parece repugnante.

O livro contém ainda um inedito «authentic» de Rimbaud, que despertará curiosidade, e uma glosa sobre «Une saison en enfer», talvez o estudo mais penetrante de todos, pois é onde o sr. Coulon se esforça por demonstrar a ausencia de sentimento religioso no decantado poema. O que—como diz o sr. Tristão de Athayde—certamente lhe será levado em conta.

Afinal, tudo perfeitamente dispensavel—D.

MARGINALIA

Simplem logica

JUSCELINO BARBOSA

Houve, nos tempos remotos da Grecia antiga, um heroe ou philosopho (coisas talvez synonymas...) que entendeu dizer umas duras verdades ao poderoso do dia. Como não havia imprensa, as verdades eram ditas «coram populo» na tribuna, em cara a cara com o Governo ou tyranno (coisas talvez synonymas tambem...)

Fresco modo de fazer opposição... sem immunidades. E a prova de que não havia immunidades e que certo dia sahiu rolo grosso entre o tyranno e o seu amigo opposicionista.

O tal da opposição apanhou seriamente. As opposições foram feitas em regra para apanhar.

Antecipando de alguns seculos a palavra mansueta do Christo que manda offerecer a outra face, depois de esbofetado numa, o tal opposicionista grego gritava em meio da pancadaria:

—Bate, mas escuta!

Aguentar pancada só pelo gosto de continuar a dizer verdades e apanhar dizendo ou dizer apanhando, são coisas dos tempos classicos em que o Povo era menos e as virtudes eram mais.

Hoje a interpretação dos textos é aquella do Conego Dias na reunião dos beatos da rua da Misericordia, quando o felizão do Padre Amaro, depois da surra do

João Eduardo, gabava-se de ter sido generoso, de ter perdoado lembrando-se das palavras do Christo:

—Eu lhe digo. Eu, si me atirarem um bofetão á face direita... Emfim, são ordens de Nosso Senhor Jesus Christo, offerço a face esquerda... São ordens de cima! Mas, depois de ter cumprido esse dever de sacerdote, oh! senhores, desanco o patife!

Assim quem for amigo desinteressado do Governo ou tyranno em exercicio, não só deve continuar a dizer as verdades que a consciencia lhe dictar, como fica tendo direito a desancar os patifes do Governo, isto é, os alugados que insultam quem não diz amen a despropósitos.

E' essa a outra face que se deve dar... á questão. Simplem logica.

Os nossos collaboradores

Chamamos a attenção de nossos leitores para a qualidade da produção literaria que lhe offerecemos com este numero, por muitos titulos excepcional. Parecia difficil, senão impossivel dotar Minas com uma publicação que, conservando o maximo de cor local, reflectisse nitidamente as aspirações collectivas da nova intellectualidade brasi-

leira. «A Revista» não é mais que uma tentativa neste sentido. E uma tentativa feliz, ousamos afirmar agora, recapitulando a nossa actividade nos primeiros mezes de existencia. Agradamos os resultados obtidos. Porém não nos satisfazem. Pretendemos trabalhar ainda mais, trabalhar a valer, pela «tolice de trabalhar», como dizem os profissionaes do desencanto. Este 3. numero fala melhor que os nossos projectos. Entre varios outros nomes de responsabilidade na obra de renovação cultural do paiz, assignam trabalhos Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira e Mario de Andrade. São os poetas mais representativos do nosso momento, os que já realizaram mais, e os que concentram maiores possibilidades quanto á crystallização de um «sentimento» nacional em poesia. Qualquer destes nomes envaideceria uma publicação literaria. Os quatro reunidos produzem uma singular impressão de força que estamos certos, nossos leitores saberão estimar em sua justa significação: a de um índice poderoso da renascença espiritual do Brasil.

—

O trabalho «Cavaco», do nosso collaborador dr. Juscelino Barbosa, foi lido na aula inaugural de Direito Commercial do 3. anno da Faculdade de Direito, como, por descuido, deixou de ser assignalado no cabeçalho. Ha nelle alguns erros de

revisão, entre os quaes um, mais grave, requer convecção immediata: a troca da palavra consul pelapalavra coronel.

Pobre Justieiano!

Tres exposições

A primeira, no Club Bello Horizonte, é do sr. Genesco Murta, joven pintor mineiro que já foi duas vezes á Europa. Antes de mais nada, accentuemos que, em vez de irem á Europa, os nossos artistas devem é regressar urgentemente de lá. Basta de Louvres e Raphaelis! Na maioria dos casos, nada lucramos com essa peregrinação á poeira passadista dos museus. Aprende-se a fazer pintura, não se aprende a pintar. Não é esse totalmente o caso do sr. Genesco Murta, que, entre duas excursões ao cada vez mais velho mundo, nos offerece uma porção de morros do Castello, todos mais ou menos interessantes, todos dignos de attenção, porque revelam um gôsto do ambiente nacional raramente observado em nossos artistas. E' a melhor coisa do sr. Genesco, esta exploração pictural do Castello, si bem que elle raramente nos satisfaça com o seu desenho pouco firme e o seu colorido quasi sempre artificial. Alguem nos lembrou que o sr. Genesco é impressionista. Duvidamos. Evidente que elle não assimilou nem os principios da technica nem a essencia desta escola. Não vemos em seus trabalhos aquelle estudo da luz levado ao infinito nas télas de Manet, Renoir, Sisley e Berthe Morizot nem a sublime indiferença pelo assumpto do quadro (para nós, o lado

que «ficou», do impressionismo), que emfim ajustou a pintura á sensibilidade moderna, tornando possível a estylização tanto do jardins, lagos, montanhas, nús, como de canecas, pratas, cadeiras, jornaes. Onde a dissociação das tonalidades, a vigorosa, scientifica mesmo, decomposição dos feixes luminosos, tornando a paizagem um puro pretexto para se estudar a vibração da luz na atmosphera e a sua projecção na superficie dos objecto? Por outro lado, o sr. Genesco pinta «exclusivamente» paizagens escolhidas, selectas, «pintaveis», com o respectivo repuxo si é jardim, onda revirada si é praia, casinha de sapé si é sertão.

Isto não quer dizer que o sr. Genesco Murta não seja um bom pintor. E! Muito bom mesmo, para o nosso meio acanhadissimo. Contudo, não tem um toque decidido de modernismo nem afeiçõa as possibilidades de sua arte á realidade de nossa natureza. Viajando a Europa, cremos que não se interessou pelas pesquisas das novas gerações franceza, hespanhola, italiana, allemã (tanta coisa, meu Deus!) e por isso não trouxe daquellas terras a unica licção aproveitavel, que é a de independencia absoluta,—cada um dono de seu nariz, e os mestres que se fomentem.

Destacamos com sympathia o seu «Coradouro» (n. 11), onde o pintor se revela sabedor de sua arte e desenvolve com vantagem a sua maneira. «Praia do peixe» (n. 34) é alegre e movimentada. Retratos, sem vida interior.

*

A segunda é do sr. Antonino Mattos (esculptura e pintura), installada no Conselho Deliberativo. Es-

te é dos que, modelando uma figura, lhe dão por título «Dans l'ombre», e pintando um quadrinho, «Il neije». Não sabemos porque se deteve ante o «projecto para o monumento da Liberdade», que em francez (inclusive o Tiradentes) ficaria mais bonito. A proposito: toda a estatuaría brasileira antiga e moderna não vale o grupo monumental do sr. Victor Brucheret, «A volta», em que o formidavel escultor paulista condensa a aventura dos bandeirantes.

Gostamos mais do sr. Antonino como escultor do que como pintor, embora em nenhum dos dois caminhos elle revele personalidade a parte. Meio termo. Sua «Chorosa» (n. 9) chora mesmo, com o corpo todo, e agrada um pouquinho. Mas todas estas figuras são classicas, todas já foram vistas, e dão idéa de segunda edição.

Deante dos quadros, a impressão é identica. Não ha um só trabalho do sr. Antonino Mattos que nos faça exclamar: «Eu nunca vi isso, pelo menos dessa maneira; este pintor «achou» qualquer coisa de novo na natureza. Suas paizagens estão perfeitamente em ordem, aguardando o espectador ou o photographo. A technica é repousada, solida, mas impessoal. Technica de Escola de Bellas Artes. Sem arrepios. «Interior de floresta» n. 1) tem um verde viscoso, que repugna. No n. 3 «Rochedos», as pedras, em cuja estructura se descobre facilmente o escultor, são de oleoso desagavel. Tem relevo, porém não aspezeza. O resto são uma porção de quadrinhos de 25 centímetros, inclusive moldura, mais ou inenos inexpressivos.

A terceira é do sr. Virgilio Maurício, que se expoz a si mesmo, varios dias, nas ruas desta capital.

N. da R.—Deixou de sahir no n.º anterior por absoluta falta de espaço.

Satie

Foi vagamente noticiada no Brasil a morte de Erik Satie. E pouca gente ficou sabendo (é verdade que pouca gente o conhecia) do fim deste grande compositor, a cujo nome está ligada a evolução da musica franceza nos ultimos annos. Satie deixou uma technica e uma expressão, o que é tão raro e perturbador. Foi um creador sem messianismo, porque ironico. Em muitas de suas obras sua personalidade estará occulta, porem nunca distante. E para comprehendel-o haverá que dar-lhe a volta toda. Chegou a uma simplicidade tal de forma que os inexperientes e superficiaes o accusaram de empobrecimento. Ficou mais rico. Este equivoco é bem commum, e diverte os artistas reaes, ao contrario de intimidar os. Tanto quanto é possivel sel-o, Satie foi independente. Mas nós bem sabemos que a liberdade é um tecido de limitações, e assim, estivesse unicamente na liberdade o merito de Satie, seria este um bem dispensavel com-

positor. Muito differente. Elle é tão indispensavel quanto Milhaud ou qualquer outro do grupo dos seis (que o mesmo Satie dizia serem quatro).

Um delles, Georges Auric, louva no musicista morto a precisão, a clareza, a simplicidade. E diz que "é preciso ver no seu bailado «Parade» o fecundo ponto de partida de uma renovação esthetica" Além de «Parade», Satie deixou «Socrate» e «Relache», que, dausado pela «troupe» de Jean Borlin, alcançou um insuccesso absolutamente satisfactorio. Valeria a pena falar desse «Relache». E' um bailado em dois actos, um entre-acto cinematographico e um appendice. Francis Picabia divide as responsabilidades com Satie e Borlin. Na parte cinematographica, as imagens e impressões se succedem com grande velocidade, que é ainda o principal caracteristico do bailado, onde os dansarinos não descansam um minuto. Musica instantaneista, informa uma folha sisuda. E um critico accrescenta que ella é uma burrice. Póde ser. Depende do sentido que se der á palavra burrice. Esta accusação não deverá bastar para que nos desinteressemos da obra de Satie. Si tivessesmos o direito de pedir a palavra, chamaríamos a attenção de nossos artistas para este compositor. E' francez? Que importa que seja francez? Elle é principalmente do nosso tempo. E nós temos muito que aprender com os homens do nosso tempo.



Poezia e relijião

(Continuação)

Parecia absurdo sinão impossivel tirar da obra desse «danado», como a si proprio se chamava ele, a menor semente de misticismo. Paulo Claudel tirou: «Arthur Rimbaud foi nm mistico «em estado selvajem», fonte perdida brotando dum solo saturado». E umildemente se confessa seu discipulo e converte-se ao catolicismo dominado por sua influencia. Atentando em Claudel podemos observar bem o carater relijiozo da nova poezia, onde o criador de «Tête d'Or» tem lugar representativo de primeira ordem. Ha um espiritalismo difuzo, tendendo para o ideal católico no citado Claudel, em Max Jacob e tantos outros; para um misticismo vago subreptício envolvente, que nos reserva surpresas, e nos aparece de sopetão nas pajinas de muito profano dezabuzado; e para movimentos de sentido social fortemente vincados de espirito relijiozo. Este ultimo é o cazo do unanimismo, com que Romain, Duhamel, Vildrac, etc., nos propoem um fortalecimento da solidariedade humana, pela criação duma «conciencia coletiva» ajindo sobre cada individuo e o inpeindo a comungar no todo. Aspiração relijiosa iniludivel. Sinal dos tempos.

«A' la fin tu es las de ce monde ancien.

.....

La religion seule est restée toute neuve la religion
Est restée simple comme les hangars de Port-Aviation
Seul en Europe tu n'es pas antique ô Christianisme
L'Europeén le plus moderne c'est vous Pape Pie X»

esclamava Apollinaire um pouquinho antes da guerra. E a idéa deste poeta católico é retomada e desenvolvida pela gente de depois da guerra, ancioza de explorar as riquezas dum espiritualismo latente e generalizado. Max Jacob: Tudo que é essencial sobre o coração humano já foi ditos nos Evangelhos.» Etc. Etc. Os poetas de origem judaica trazem a esse movimento uma contribuição tanto mais intensa quanto excitada pelo temperamento mesmo da raça. Edmundo Fleg e André Spire entõdam inos furiozos a Israel. Não esquecer que grande parte da literatura franceza é escripta pelos judeus.

Renascença relijioza? Advento duma nova interpretação do cristianismo, ainda em periodo de larva? E' bem possivel. E' mesmo muito possivel. Não screi eu quem trate do assumpto grande. O meu é particular.

Ao lado das duas tradiçõis, perfeitamente legitimas: classica e romantica, em refluxo continuo e ritmico, haverá talvez duas outras: relijioza e profana (ou racionalista), que tambem se sucedem e não se destroem. Tendemos para o classicismo, de que adquirimos uma concepção mais depurada e fecunda; não será demais que simultaneamente se esboce

uma volta á religião, e no mnndo ocidental quem diz religião diz cristianismo. Nossos filhos verão.

Seguramente, o grande problema da atualidade em poesia é conciliar o espirito crítico, cada vez mais absorvente e dominador, com as inpozições e inperativos do espirito religiozo. Dizem que a fé ezije a virjindade do cérebro. Ora, virjindade do cérebro = inbecilidade total. Não sei bem si é assim. Então a fé é privilejio dos carneiros? Meu Deus! Não foi para responder a esta pergunta que escrevi este artigo...

P. S.--No Brazil, onde só ha pouco se esboçou a reação modernista os poetas ainda têm vergonha de confessar a sua fé. Mario de Andrade é corajoso e em 1922, na «Paulicéa desvaurada», livro de lirismo um pouco, turvo porque de combate, tem uma escapada soberba no poema «Religião»: «Deus! Creio em ti! Creio na tua Bíblia!»

Os caprichos da sorte

(Continuação)

—O sr. vae ver. A sorte muda, quando menos se espera. Quando não vemos remedio para alguma cousa, de repente apparece nma solução feliz... É' ter paciencia... Uma pessoa não vale menos por ser pobre...

—De certo quenão! Confirmou dona Etelvina, v indo da cozinha com o café na bandeja. Para nós, rico ou pobre, o senhor será sempre o mesmo!

E estendeu ao compadre a bandeja, onde o café, coado de fresco, fumegava na tigellinha azul.



Banco da Cavoura de Minas Geraes

(Fiscalizado pelo Governo Federal)

Caetés, 499

::

B. Horizonte

Recebe depositos a prazo fixo nas
seguintes condições:

Por um anno	8%	ao anno		
« 6 mezes	7 1/2%	«	«	
« 3 «	6 1/2%	«	«	

Em c/c limitada até 20:080\$000 — 6 1/2% ao anno

Em c/c em movimento—4% ao anno

Nos depositos de prazo fixo os juros são pagos
mensalmente.

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES PRA-
ÇAS DO ESTADO,
NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO.

**Faz todas as operações ban-
carias, excepto cambio**

Presidente—*Dr. Hugo F. Werneck*

Gerente—*Dr. Clemente de Faria*

Secretario—*Dr. Ataliba Sales*

A REVISTA

Albino Cangiano

ALFAIATE

Rua da Bahia, 917

CASA GAGLIARDI

Artigos finos por preços de um cambio elevado! O que ha de mais moderno em fazendas de seda, crepons, charmeuses, crepes de toda a especie, calçados e tudo que se refere á moda, a Casa Gagliardi possui para bem servir a freguezia.

Visitem-n'a e verão!

Affonso Penna, 542 — Phone 295 — Bello Horizonte

Andrade

ALFAIATE

Rua da Bahia, 992 — Phone, 1110 — Bello Horizonte

A REVISTA

Fabrica de Calçados "Bellorizonte"

O mais resistente!

O mais barato!

O de mais aceitação!

Rua Platina -- Caixa Postal. 57

BELLO HORIZONTE

VISITEM A

— Alfaiataria Rosa —

DE

Anselmo Rosa

Avenida Amazonas, 133

IDEAL LEITERIA

A casa mais frequentada da capital, não só pela severa hygiene de suas bem montadas installações, como pela excellente pasteurização do leite.

Aberto até ás 24 horas —:— Bons serviços do "garçons"
Avenida Affonso Penna (Esq. Tupynambás)

TELEPHONE, 441

Bello Horizonte

A REVISTA

Loteria do Estado de Minas Geraes

100:000\$000

18 DE JANEIRO CORRENTE

CASA GIACOMO

Sorvetes, bebidas finas, fructas excellentes, etc.

Não deixe você de ir visitar o

Trianon E A **California**

(Rua da Bahia)

(Av. Affonso Penna)

ALFAIATARIA

→ DE ←

Alfredo Coscarelli

Com grande pratica em Roma e no Rio de Janeiro

Rua S. Paulo, 413 — *BELLO HORIZONTE*

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Prefiram sempre
esta Companhia
PARA SEUS

*Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.*

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SERVIÇO

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

Rua da Bahia, 906

Bello Horizonte

A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social: Avenida Rio Branco 125
Edifício de sua propriedade

RIO DE JANEIRO

Negocios realizados..... mais de 450.000:000\$000
Sinistros e sorteios pagos.... mais de 47.000:0000000
Fundo de garantia e reserva. mais de 30.000:000\$000

Aplices com sorteio trimestral em dinheiro

ULTIMA PALAVRA EM SEGUROS DE VIDA
INVENÇÃO EXCLUSIVA D'«A EQUITATIVA»

Pedir prospectos e informações á Superintendencia em Minas

Praça 7 de Setembro, 682
(Palacete proprio)

Bello Horizonte — Caixa 157 — Telephone 738

Superintendente Oscar Netto

Companhia Italo-Brasileira de

Seguros Geraes

Preferam sempre
esta Companhia
PARA SEUS

**Seguros de Vida. Infortunios, Trans-
portes e Contra Fogo.**

Capital realizado: 5.000.000\$090

Agentes em todo o Brasil
e no estrangeiro.

SEDE

SÃO PAULO

Rua 15 de Novembro, 26

Benedicto Conceição

*Agente da Companhia
Brasileira de Seguros Geraes*

Rua da Bahia, 906

Bello Horizonte

A Equitativa dos Estados Unidos do Brazil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social: Avenida Rio Branco 125
Edifício de sua propriedade

RIO DE JANEIRO

Negocios realizados.....	mais de 450.000:000\$000
Sinistros e sorteios pagos....	mais de 47.000:0000000
Fundo de garantia e reserva.	mais de 30.000:000\$000

Aplices com sorteio trimestral em dinheiro

ULTIMA PALAVRA EM SEGUROS DE VIDA
INVENÇÃO EXCLUSIVA D'«A EQUITATIVA»

Pedir prospectos e informações á Superintendencia em Minas

Praça 7 de Setembro, 682
(Palacete proprio)

Bello Horizonte — Caixa 157 — Telephone 738

Superintendente **Oscar Netto**